

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA APLICADA
INTERAÇÃO E PRÁTICAS DISCURSIVAS

VALKIRIA MARKS SZINVELSKI

**PARA ALÉM DO MURO: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA
DA ATRIBUIÇÃO DE REFERÊNCIA
EM CARTAS DE CAIO FERNANDO ABREU**

São Leopoldo

2008

Valkiria Marks Szinvelski

PARA ALÉM DO MURO: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA
DA ATRIBUIÇÃO DE REFERÊNCIA
EM CARTAS DE CAIO FERNANDO ABREU

Dissertação apresentada, como requisito parcial
para a obtenção título de Mestre, pelo Programa
de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientação

Dra. Terezinha Marlene Lopes Teixeira

São Leopoldo

2008

Valkiria Marks Szinvelski

PARA ALÉM DO MURO: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA
DA ATRIBUIÇÃO DE REFERÊNCIA
EM CARTAS DE CAIO FERNANDO ABREU

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Banca Examinadora

São Leopoldo, agosto de 2008.

Orientadora: Dra. Terezinha Marlene Lopes Teixeira

Dra. Maria Eduarda Giering (UNISINOS)

Dra. Helena H. Nagamine Brandão (USP)

Para Marlene Teixeira,
pela dedicação e sensibilidade.

RESUMO

Esta dissertação focaliza a problemática da referência na perspectiva enunciativa. Por essa razão, é também um estudo sobre a subjetividade. Propõe que há uma dimensão dêitica no processo de construção de referência no discurso, uma vez que o sujeito está implicado no que diz. Fundamenta-se nas teorias de Benveniste e Bakhtin. Da contribuição de Benveniste, traz a idéia de que a subjetividade está implicada em todo uso feito da linguagem. Da contribuição de Bakhtin, a concepção de que esse sujeito que advém na enunciação é constituído na interação viva com as vozes sociais. Tomando como objeto de investigação cartas de Caio Fernando Abreu que tematizam a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), busca descrever, a partir da materialidade lingüística, o modo como o enunciador subjetiva a experiência de encontrar-se diante da morte. Para alcançar esse objetivo, a análise é apresentada em dois momentos: no primeiro, busca-se, em cada carta, situar o quadro da enunciação. Particularmente, observa-se como a não-pessoa passa da língua à enunciação por intermédio do sujeito, a partir de inter-relações que se estabelecem no enunciado para a expressão de uma idéia singular que tem a instância de discurso como parâmetro. O segundo movimento da análise toma as três cartas em conjunto, no intuito de observar deslizamentos de sentido relativos à *não-pessoa* de uma carta para a outra, bem como vestígios de vozes sociais que aí se deixam ver e, entre as quais, o sujeito enunciador faz ouvir sua entoação expressiva. Os resultados da análise indicam que a *não-pessoa*, de início, anunciada de forma difusa como Coisa Estranha sofre deslizamentos de sentido ao longo das três cartas, derivando para Coisa Vida, que integra em si, numa unidade, vida e morte. Diante do inexorável, e sob o olhar do outro, o sujeito enunciador funda um novo lugar de fala, ressignificando vida e morte, saúde e doença, normal e patológico.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; Sujeito; Não-Pessoa; Dimensão Dêitica de Referência; Refração do Signo; Entoação Expressiva.

ABSTRACT

This monograph focuses on the reference issue from the enunciating perspective. Thus, it is also a study on subjectivity. It proposes that there is a deictic dimension within the process of reference creation on discourse, since the subject is implied in what she or he says. It is grounded on Benveniste's and Bakhtin's theories. From Benveniste's contribution, it brings the idea that subjectivity is entailed whenever language is used. From Bakhtin's contribution, it brings the concept according to which the subject that comes out through enunciation is built within live interaction with social voices. Taking as our research object the letters from Caio Fernando Abreu that talks about Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS), it tries to describe, from linguistic materiality, the way how enunciator subjectivizes the experience of finding himself in the face of death. In order to reach this goal, our analyses are presented in two moments: in the first one, we try, in each letter, to establish the situation of uttering. Particularly, we observe how *non-person* goes from language to utterance through the subject, from the inter-relations that are set up within utterance so to express a single idea that has discourse instance as a parameter. Our second analysis movement takes three letters together, aiming at observing meaning shifts related to *non-person* from one letter to another, as well as vestiges of social voices that can be seen at this point and, among which, enunciator let his expressive intonation be heard. Results from analyses indicate that *non-person*, at the beginning announced blurrily as Alien Thing, suffers meaning shifts throughout the three letters, deriving into Life Thing, which integrates itself, in a unity, life and death. In front of the inexorable, and under the look of the other, enunciator finds a new speaking place, giving new meaning to life and death, health and disease, normal and pathologic.

KEY-WORDS: Enunciation; Subject; Non-Person; Reference Deictic Dimension; Sign Refraction; Expressive Intonation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O CAMPO DO DISCURSO	12
1.1 Origem	12
1.2 Diversidade de Perspectivas	15
1.3 Perspectiva Enunciativa.....	16
1.3.1 Origem dos Estudos Enunciativos.....	16
1.3.2 A Contribuição de Benveniste	19
1.3.3 A Contribuição de Bakhtin	22
2 ENUNCIÇÃO E SUBJETIVIDADE	27
2.1 A (Inter) Subjetividade em Benveniste	27
2.2 O Sujeito Dialógico	29
3 ENUNCIÇÃO E REFERÊNCIA	34
3.1 Considerações Iniciais	34
3.2 A Exclusão do Referente em Saussure.....	36
3.3 O Retorno do Referente em Benveniste	37
3.4 A Refração do Signo em Bakhtin	39

3.5 Dimensão Dêítica da Referência no Discurso	41
3.5.1 A Dêixis.....	41
3.5.1 Da Diferença entre Dêixis e Anáfora	43
3.6 Encaminhamentos	45
4 PARA ALÉM DOS MUROS, A VIDA GRITA.....	47
4.1 Das Razões da Escolha do Objeto de Análise	47
4.2 Constituição do Material de Investigação	48
4.3 Da Construção Dêítica da Referência	48
4.3.1 Encaminhamento da Análise	49
4.3.2 Primeira Carta para Além dos Muros	51
4.3.3 Segunda Carta para Além dos Muros	57
4.3.4 Última Carta para Além dos Muros	60
4.3.5 No Embate de Vozes, o Sujeito	64
4.3.6 Por um Fio	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	72

INTRODUÇÃO

Esta dissertação focaliza a problemática da referência na perspectiva enunciativa. Por essa razão é também um estudo sobre a subjetividade. Propõe que há uma dimensão dêitica no processo de construção de referência no discurso, uma vez que o sujeito está implicado no que diz. Tomando como objeto de investigação cartas de Caio Fernando Abreu que tematizam a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), busca descrever, a partir da materialidade lingüística, o modo como o enunciador subjetiva a experiência de encontrar-se diante do que, apropriando-nos de uma expressão de Garcia Marques, vamos chamar de “morte anunciada”. Seguem-se algumas considerações que visam a mostrar a relevância de nosso estudo.

Na última metade do século XX, o mundo torna-se extremamente complexo. Transformações na esfera econômico-financeira, no panorama político-social, nos sistemas de crenças e valores afetam profundamente o ser humano. Diferentes áreas do conhecimento discorrem sobre a necessidade de repensar que subjetividades se engendram nesse novo panorama social¹. Acreditamos ser fundamental participar do debate em torno dessa questão, pois vivemos em um mundo conturbado, diante do qual nossos procedimentos interpretativos ficam sempre aquém do impacto dos acontecimentos.

A subjetividade, por longo tempo, foi tema relacionado à arte; só recentemente tornou-se assunto passível de estudo científico. Para melhor compreender o fenômeno em sua complexidade, torna-se necessária a formulação de novos modelos evolutivos e novos processos auto-referenciais, sob uma perspectiva multidisciplinar,

¹ Essas observações sobre a configuração sociocultural na contemporaneidade são feitas com base em Schnitmann (1996) e Birman (2000).

pois os discursos homogeneizantes e totalizantes da ciência e da cultura vivem hoje um processo de dissolução. Precisamos fazer convergir diversas ciências, realizando um estudo em que vários olhares em diferentes campos do saber - entre eles, a lingüística - trazem sua contribuição.

Ainda que muitos não concordem, as “visões multi/inter/transdisciplinares desvelam a verdade implícita de que não existe produção de sentido nem construção de conhecimento que seja plenamente contida em uma área única de estudo” (LEAHY-DIOS, 2002). Nosso estudo justifica-se pela tentativa de, a partir da contribuição dos estudos discursivos com ênfase na enunciação, colocar a ciência da linguagem no diálogo multidisciplinar que se vem fazendo sobre a subjetividade.

Esta dissertação insere-se na linha de pesquisa Interação e Práticas Discursivas do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, que contempla diferentes teorias a respeito de práticas discursivas sob a perspectiva da interação, compreendida como evento interacional em si e como dimensão constitutiva do sujeito e do sentido. Mais particularmente, vincula-se à perspectiva que utiliza estudos enunciativos em diferentes contextos.

No primeiro capítulo, apresentamos o campo do discurso, situando esta dissertação no conjunto teórico mais amplo. Inicialmente, trazemos a perspectiva de Pêcheux, que, nos anos 60, abriu caminho aos lingüistas para interlocuções no campo social, ao propor interpretação do discurso a partir do que pode ser apreendido na materialidade lingüística. A hipótese do autor é que a problemática do sentido faz convergir língua, sujeito e história.

Na seqüência, apresentamos a perspectiva enunciativa de estudos da linguagem, desde sua origem, enfocando particularmente as contribuições de Benveniste e Bakhtin/Volochinov, basilares para este trabalho. Benveniste tem o mérito de ter recolocado, através de suas pesquisas, o sujeito na língua, tornando-se por isso, o pai da enunciação. Em *Problemas de Lingüística Geral I e II* reúne toda a sua proposta teórica sobre o campo da enunciação, de onde retiramos elementos para fundamentar a questão central desta dissertação, a referência. Em *A natureza dos Pronomes* (1956), Benveniste enfoca a diferença entre linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida por um sujeito que toma a língua para referir o mundo. Ao fazê-lo, o locutor referencia, marcando o sistema com a intersubjetividade. A referência construída na enunciação leva-nos a propor uma dimensão dêitica na referenciação a partir do que afirmam Flores e Teixeira (2005), assunto que será trazido no capítulo 3.

A contribuição de Bakhtin (Volochinov) para nossos estudos advém da leitura de *Marxismo e Filosofia de Linguagem* (1995). Conforme Flores e Teixeira (2005), o filósofo russo contribui “para o estabelecimento de um pensamento sobre a enunciação”, assegurando lugar central ao dialogismo. Para ele, o sujeito ao manifestar-se, o faz num quadro interativo com o outro, em que a entonação expressiva desempenha papel importante na constituição de sentidos.

No capítulo 2, apresentamos a temática *enunciação e subjetividade*. Como Benveniste não faz teoria sobre o sujeito, recorreremos a Bakhtin, que apresenta um sujeito dialógico que se forja na interação social. Recorreremos a Dahlet (1997), Teixeira (2006) e Faraco (2003) para apresentar o sujeito bakhtiniano.

No capítulo 3, tratamos de enunciação e referência. Partimos da teoria saussuriana que exclui o referente e o seu retorno em Benveniste. Também enfocamos o referente em Bakhtin, que dele trata em sua teoria da refração do signo.

Mais adiante, apresentamos a dimensão dêitica da referência no discurso. Recorreremos a Lahud (1979) que sustenta haver grande divergência terminológica nesse campo de estudos. De seu ponto de vista, apresentamos a diferença entre dêiticos e anafóricos.

No capítulo 4, realizamos exercício de análise em três cartas escritas por Caio Fernando Abreu em 1994. O princípio norteador da análise é: no uso da linguagem, o sujeito está implicado na designação que faz do mundo.

Esperamos, com este trabalho, demonstrar que os estudos enunciativos podem contribuir para a reflexão sobre o sujeito que hoje tem sido preocupação fundamental das ciências humanas. Qualquer tipo de análise política, psicanalítica ou semiológica não pode abstrair da noção fundamental de sujeito, intimamente ligada ao conceito de enunciação. Ao considerar o processo de instituição subjetiva na linguagem, o campo da enunciação revela a sua vocação transdisciplinar (TEIXEIRA, 2004).

1 O CAMPO DO DISCURSO

1.1 Origem

Este trabalho inscreve-se no campo de estudos do discurso. Os estudos atuais nesse campo não estão compreendidos em um único modelo de análise, nem centrados em uma só metodologia, num só tipo de *corpus*. Nem mesmo organizados em torno de uma grande escola. Diante disso, torna-se necessário, em primeiro lugar, situar o conjunto teórico em que esta dissertação se localiza.

A perspectiva em que vamos trabalhar tem sido nomeada como análise de discurso de base enunciativa². Origina-se na chamada Escola Francesa de Análise do Discurso (AD), mas dela se distingue, conforme buscamos mostrar a seguir.

Maingueneau (2000, p.70) situa a origem da Escola Francesa nos trabalhos de Pêcheux, nos anos 60, aparecidos como uma reação a duas fortes correntes no campo da linguagem: o Estruturalismo e a Gramática Gerativo-Transformacional. Conforme Flores (1997, p. 50), parece correto afirmar que a AD é a “voz” que vem verbalizar a crise do paradigma estrutural na lingüística no final dos anos 60.

Em Maingueneau (2000, p.70), lê-se que lingüistas e historiadores de diversas partes do mundo, entre eles os do Brasil, adotaram a metodologia proposta por Pêcheux, “inspirada ao mesmo tempo, na releitura da obra de Marx por Althusser e na de Freud por Lacan”. Tratava-se de fazer uma interpretação dos discursos pautada pela língua e por uma teoria da ideologia, articulando-se o inconsciente à ideologia.

Vamos comentar brevemente o contexto em que a teoria de Pêcheux se desenvolveu para aí situar a razão da convocação feita por ele ao campo da lingüística, os desdobramentos que levaram ao aparecimento do que estamos chamando de perspectiva enunciativa de análise de discurso³.

Pêcheux era um filósofo que atuava no campo social. Foi discípulo de Canguilhem, que o orienta para a história das ciências e a epistemologia. Torna-se

² Conforme trabalhos do Grupo Atelier (PUC-SP, UERJ, UNISINOS, entre outras universidades).

³ As observações a esse respeito seguem indicações feitas na disciplina “Linguagem e Interação”, ministrada pela profa. Marlene Teixeira no PPGLA – UNISINOS – 1º semestre/2003.

pesquisador no CNRS (Centre National de Recherche Scientifique), constituindo um grupo informal com o psicanalista Michel Plon e o lingüista Paul Henry, dedicado a elaborar uma crítica das formas clássicas de fazer ciências humanas. Os autores combatiam: (1) a idéia de que o sujeito é causa de si (origem do seu dizer); (2) a análise de conteúdo e a psicologia social, pelo intuicionismo de seus estudos. Buscavam fornecer às ciências sociais um instrumento apto a levá-las a superar o impressionismo que caracterizava suas abordagens.

Pêcheux foi também discípulo de Althusser, fato que desencadeou seu interesse pelo marxismo e que promoveu sua entrada na política. O projeto da AD nasceu então sob a crença de uma possibilidade de intervenção política, o que se explica pela efervescência que caracterizou o final dos anos 60 na França.

Além disso, é por Althusser que Pêcheux desenvolve o interesse pela psicanálise, já que Althusser, através da publicação de um pequeno artigo na *Nouvelle Critique*: “Freud e Lacan” (tradução para o português, 1985), “autoriza”, por assim dizer, uma abertura da esquerda francesa para a psicanálise, buscando desfazer a interpretação equivocada de que as duas disciplinas são incompatíveis. O texto é dirigido especialmente aos marxistas e representa um convite a que sejam abandonados os preconceitos ideológicos que os separam de Freud.

A partir desses elementos, é possível entender a constituição do quadro epistemológico da AD pelas três regiões do saber, que são:

- o materialismo histórico, como teoria das formações sociais e de suas transformações, compreendida aí a teoria das ideologias;
- a lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação ao mesmo tempo;
- a teoria do discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos, as três regiões atravessadas e articuladas por uma teoria da subjetividade de natureza psicanalítica (Pêcheux e Fuchs [1975], 1993, p. 163)⁴.

Esse quadro é convocado para pensar a problemática do sentido, formulada por Pêcheux no encontro entre a língua, o sujeito e a história.

⁴ As datas entre colchetes correspondem à da publicação original.

Tendo situado as razões do interesse de Pêcheux pelo materialismo histórico e a psicanálise, resta referir as razões do recurso à lingüística. Como já dissemos, a AD surgiu como uma tentativa de remediar as insuficiências da Análise de Conteúdo no trato de questões relacionadas às ciências sociais. Pêcheux buscava para as ciências sociais uma prática científica incontestada e incontestável capaz de fornecer explicações sérias e irrecusáveis. O apelo à lingüística atende a esse objetivo.

Conforme Teixeira (2000, p.16), na última fase de seus estudos, Pêcheux faz uma autocrítica contundente a ponto de emitir a seguinte constatação a respeito de sua própria teoria: “montanhas metodológicas parindo ratos”⁵. A teoria do discurso tal como concebida por ele entra em crise no final dos anos 70, tendo sido desconstruída pelo seu próprio autor em textos que revelam uma profunda inquietude, traduzida num conjunto de interrogações instigantes para as quais ainda não se encontraram respostas.

A nova conjuntura francesa, caracterizada pelo declínio do estruturalismo, e as transformações político-ideológicas decorrentes da crise política, provoca “rachaduras” no projeto pêcheuxtiano de Análise do Discurso. Além disso, a chegada na França das abordagens anglo-saxônicas, a valorização (tardia) da lingüística da enunciação, a descoberta de Bakhtin e as novas influências reconhecidas pelo próprio Pêcheux sobre seu trabalho, como a de Michel de Certeau, no campo da história, Jacqueline Authier-Revuz, no da enunciação, e Jean-Claude Milner, no da lingüística, promovem a abertura dos estudos discursivos para a heterogeneidade, a ruptura, as descontinuidades. Essa mudança na conjuntura político-epistemológica da França do final dos anos 70 afetou profundamente a AD conforme vinha sendo praticada por Pêcheux, impondo a necessidade de repensar a pesquisa na área.

A seguir, passamos a uma abordagem mais detalhada sobre as novas perspectivas de estudo do discurso.

⁵ Para aprofundamento do tema, remeto a Teixeira, 2000, Capítulo I.

1.2 Diversidade de Perspectivas

Em texto de 1995, que figura como “Apresentação” ao número 117 da revista *Langages*, Maingueneau dedica-se a mostrar que a AD na França não se reduz à corrente pêcheuxtiana. O autor diz que hoje há “análises de discurso” (no plural) na França, algumas delas tendo tomado rumos bem diversos daqueles instituídos por Pêcheux. Ou seja: o discurso político não centraliza mais a preocupação dos analistas de discurso; qualquer tipo de enunciado pode ser objeto de pesquisa; outras disciplinas de referência são chamadas para iluminar as análises de discurso, entre elas, a etnometodologia e a etnografia. Em razão do que Maingueneau chama de “mundialização das trocas científicas”, diluem-se, inclusive, as fronteiras entre o que se chamava AD francesa e AD anglo-saxônica.

Os artigos dessa revista *Langages* que estamos referindo abordam a heterogeneidade enunciativa, a heterogeneidade dos gêneros do discurso e das situações de fala, indicando estudos conjuntos com outras disciplinas (a sociolinguística, a semiolinguística, as ciências do trabalho, etc.), além das que haviam sido convocadas por Pêcheux (a linguística, o materialismo histórico, a psicanálise).

Organizadores de obra recentemente publicada, que reúne diferentes linhas de abordagem do discurso, comentam, na introdução, que hoje é impossível apresentar um painel completo das teorias do discurso em desenvolvimento. Essa obra traz contribuições de destacados autores da semiolinguística, da semiótica do discurso, dos estudos sobre argumentação, das abordagens enunciativas e dialógicas, da análise do discurso de orientação pêcheuxtiana (Lara et. al., 2008).

Em *Novas Tendências da Análise do Discurso*⁶, Maingueneau (1997, p.23) afirma que a noção de *discurso* é instável, tomando diferentes dimensões de acordo com as disciplinas convocadas para seu estudo. O autor coloca o conjunto de pesquisas em enunciação como um dos caminhos possíveis de estudos do discurso. Esse caminho vem sendo trilhado por pesquisadores brasileiros, tais como José Luiz Fiorin, Maria Cecília P. de Souza-e-Silva, Helena Nagamine Brandão, Beth Brait, entre outros, que resguardadas suas especificidades, têm em comum o fato de se apoiarem na

⁶ Primeira edição em português foi publicada em 1989.

materialidade lingüística para estudar o ato único de produção do enunciado (a enunciação), sem dissociá-lo da realidade social.

Antes de propriamente situarmos o que significa empreender um estudo do discurso de base enunciativa, seguem-se algumas considerações sobre o campo de pesquisa em enunciação.

1.3 Perspectiva Enunciativa

O objetivo deste item é situar os estudos enunciativos no campo mais geral da ciência lingüística. Iniciamos por localizar a gênese desses estudos, isto é, fazemos uma breve referência a autores que anunciam, de algum modo, os princípios da lingüística da enunciação. A seguir apresentamos princípios gerais da teoria saussuriana, a partir dos quais se institui, por um ato de ultrapassagem, o campo da enunciação. Finalmente, tentamos mapear a diversidade de teorias que se abrigam sob a designação de lingüística da enunciação, detendo-nos, particularmente, nos pontos em que tais teorias convergem.

1.3.1 Origem dos estudos enunciativos

O interesse de lingüistas pelos problemas enunciativos, de alguma forma, já está em Humboldt, Bréal e, mais recentemente, em Bally. Formulações desses autores contêm aspectos que serão focalizados na segunda metade do século XX por Benveniste, considerado o “pai” da enunciação, Jakobson, Ducrot, entre outros.

Em Humboldt chama à atenção a idéia de que a linguagem serve para significar e não para comunicar, bem próxima da célebre colocação de Benveniste (1989, p.222): “[...] bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver”.

Para Bréal (1992, p. 197), “Ela [a linguagem] é feita pelo consentimento de muitas inteligências”, estando associada à existência humana e ao espírito coletivo. Por

isso, em seu *Ensaio de Semântica* de 1897, o autor contrapõe-se à idéia de a linguagem existir na natureza, independentemente do ser humano. Para ele “a linguagem é um ato do homem: ela não tem realidade fora da atividade humana” (1992, p.195). E repisa: “[...] tudo, na linguagem, vem do homem e se endereça ao homem” (1992, p.195).

De acordo com Bréal (1992, p.204), não é possível ao ser humano refletir a realidade com suas palavras tal como num espelho nos refletimos, pois elas fornecem apenas um ponto de vista sobre as coisas. Segundo ele, ao pensarmos o mundo, o fazemos de um prisma único e exclusivo, a partir de uma percepção que é própria ao humano, e isso confere subjetividade aos termos utilizados que, de acordo com o autor, podem obscurecer-lhes o sentido. O autor avalia que as palavras significam em relação às outras palavras e devem estar contextualizadas.

Os estudos sobre a enunciação dão um passo adiante com Charles Bally, que complementa o pensamento de Bréal, embora sem que ambos venham a nomear essa área de estudos. Para Bally, a linguagem representa pouco daquilo que efetivamente pensamos. O autor é o primeiro pós-saussuriano, e um dos responsáveis pela publicação do *Curso de Lingüística Geral*, organizado após a morte de Ferdinand de Saussure.

Bally dedicou-se especialmente à estilística, embora tenha reconhecido a necessidade de uma disciplina que tratasse as questões do sentido como a semântica, ou talvez uma “Lingüística da fala”. Ao referir-se à fala, Bally provavelmente estava pensando na parte excluída por Saussure, que estudou especialmente a língua. Para ele, a estilística abarca toda a linguagem diferentemente dos estudos até então realizados voltados para obras literárias. De acordo com Flores e Teixeira:

O autor parte de um princípio: a linguagem é apta a expressar sentimentos e pensamentos, e é próprio da estilística estudar a expressão dos sentimentos. Isso significa que a estilística deve se preocupar com a presença da enunciação no enunciado e não apenas com o enunciado propriamente dito (2005, p.16).

Para Flores e Teixeira (2005), Bally pensa a língua como atividade do sujeito falante. Para os autores, há uma teoria da enunciação em Bally e a noção de sujeito está implicada em suas reflexões. Acrescente-se que o lingüista integrou ao estudo da língua o contexto lingüístico:

Se a estilística estuda “os fatos da expressão do ponto de vista de seu conteúdo afetivo”, então a subjetividade, pensada nos termos de emotividade, está inscrita na língua e, em especial, na língua falada em situações concretas de comunicação. (2005, p.17-18)

Objetivamente, Bally não se contentou com simples referência formal a Saussure. Em seus estudos sobre a linguagem, predominam a afetividade e a expressividade com que o indivíduo faz uso da língua, elementos que pertencem à Estilística. Por isso, há em seu falar algo de subjetivo, o que, segundo o autor, não permite ao falante expressar na íntegra seu pensamento, pois há algo de inacessível, que fica confinado à subjetividade (CREMONESE, 2007, p. 26).

Bally esclarece que:

[...] a tarefa e missão da estilística consiste em buscar quais são os tipos expressivos que, em um período dado, servem para produzir os movimentos do pensamento e do sentido do falante, e em estudar os efeitos produzidos espontaneamente nos ouvintes pelo emprego desses tipos. (BALLY, 1967, p. 90, apud CREMONESE, 2007, p. 26)

De acordo com leitura de Cremonese (2007, p.27), esse sujeito formulado por Bally corresponde, muito proximamente, àquele que hoje é reivindicado pelos teóricos da enunciação. Para a autora, “Bally é o mais significativo precursor da Enunciação” (2007, p.31), por entender que o estudo das línguas deve ser sincrônico, descritivo e abordar o uso – única forma de termos acesso à *subjetividade da e na linguagem*.

Neste trabalho, buscamos em Benveniste e Bakhtin sustentação para propor uma análise da construção subjetiva da referência em *Cartas para além dos muros* de Caio Fernando Abreu. Em razão disso, nossas próximas palavras são para situar a contribuição desses dois teóricos da enunciação ao campo de estudo do discurso.

1.3.2 A Contribuição de Benveniste

Como vimos no capítulo anterior, Humboldt, Bréal e Bally deram os primeiros pontos no fino tecido da Teoria da Enunciação. No entanto, foi Benveniste quem produziu um estudo que viria a torná-lo o “pai” da enunciação.

Em diversos artigos, entre 1946 e 1970, reunidos em *Problemas de Lingüística Geral (I e II)*, Benveniste retorna à teoria saussuriana para elaborar sua própria teoria. Reportar-nos-emos aos textos essenciais para a compreensão da Teoria da Enunciação do autor que são fundamentais para nosso trabalho: Estrutura das relações de pessoa no verbo (1946), A natureza dos pronomes (1956), Da subjetividade na linguagem (1958) e O aparelho formal da enunciação (1970). Nosso objetivo é mostrar o percurso de Benveniste no sentido de integrar o referente no âmbito da enunciação.

Por durante quarenta anos vigorou o estruturalismo, sobre o qual Ferdinand de Saussure exerceu incontestável influência, embora não tenha sequer pronunciado o termo *estrutura*⁷ em seus estudos. À época, o lingüista, pelo menos no CLG editado por Bally e Sechehaye, propôs o corte língua/fala. Para poder isolar seu objeto de estudo, a língua, deixou de lado elementos como o referente e o sujeito. Por sua vez, Émile Benveniste ousou levar adiante o legado de Saussure, propondo – ao longo de sua obra – articular forma e sentido.

Ao promover a diluição do corte, a partir do qual o estruturalismo se instituiu⁸, Benveniste (1989, p. 224) atualiza a teoria saussuriana: de um lado mantendo-se fiel ao pensamento de Saussure, preservando a concepção de *sistema*; de outro, ultrapassando-o a partir da noção de enunciação. Por colocar o sujeito na língua/na linguagem, amplia os estudos até então produzidos por Saussure, propondo uma teoria própria, a Teoria da Enunciação.

Émile Benveniste (1989, p. 82-84) descreve a enunciação como um ato de apropriação da língua, através do qual ela se torna discurso⁹. Esse ato introduz *aquele que fala em sua fala*, o que significa conceber a subjetividade como inerente ao estudo lingüístico que ele propõe. Isso não significa que ele desenvolva uma teoria do sujeito. De acordo com Flores (2004, p. 220), seu objeto é a enunciação.

Para nossos objetivos, é necessário trazer o estudo de Benveniste sobre os pronomes. Iniciamos pela apresentação desse tópico em “Estrutura das relações de

⁷ “Estrutura” em Lingüística (1962, p. 97-98) em *Problemas de Lingüística Geral I*.

⁸ “A forma e o Sentido na Linguagem” (1967) em *Problemas de Lingüística Geral II*.

⁹ “O aparelho Formal da Enunciação” (1970) em *Problemas de Lingüística Geral II*.

peessoa no verbo” (1946)¹⁰, feita pela abordagem tradicional (1988). Na visão do lingüista, as pessoas “eu” e “tu” não estão no mesmo plano que “ele”, isto é, a legitimidade de “ele” como pertencente à categoria de pessoa é problematizada. Valendo-se de uma análise de base estruturalista, fundada em oposições, o autor distingue “eu-tu” de “ele” por três características: a unicidade, isto é, o “eu” que enuncia e o “tu” a quem “eu” se dirige são cada vez únicos; a inversibilidade, o “eu” se inverte em “tu”. Em contrapartida, “ele” (a não-pessoa) pode ser “uma infinidade de sujeitos ou nenhum”; não tem possibilidade de inversão, pois “não designa especificamente nada nem ninguém”; tem a particularidade de predicar verbalmente uma *coisa* (1988, p. 253).

Após contrastar “eu-tu” a “ele”, Benveniste contrasta “eu” a “tu”. Nesse sentido, conclui que “eu” é pessoa subjetiva e “tu” é pessoa não-subjetiva (correlação de pessoalidade). Além disso, “eu” tem transcendência¹¹ sobre “tu”, já que é “eu” que instaura o “tu”, ou seja, “eu” é, no diálogo, a única pessoa que tem a propriedade de proporcionar o exercício da língua na realidade dialógica (FLORES, 1999).

Nesse mesmo texto, Benveniste tece considerações sobre as pessoas do plural, formulando que a unicidade e a subjetividade inerentes ao “eu” inviabilizam a possibilidade de uma pluralização. Segundo o autor, o “nós” anexa, ao “eu” uma globalidade indistinta de outras pessoas: eu + eles (junção de pessoa e não-pessoa, que caracteriza o “nós” como inclusivo); eu + tu (junção de pessoa subjetiva e pessoa não-subjetiva, que caracteriza o “nós” como exclusivo).

Para Benveniste, a distinção entre singular e plural deve ser interpretada como uma distinção entre pessoa restrita/pessoa amplificada. O plural é, então, fator de ilimitação e não de multiplicação, no caso da categoria de pessoa. Só a terceira pessoa comporta um verdadeiro plural, na acepção do lingüista (1988, p. 259).

Em “A natureza dos pronomes” (1956), Benveniste ratifica a oposição feita em 1946, “relacionando-a com a referência” (FLORES, 1999, p.188), isto é, a distinção entre pessoa e não-pessoa é feita em relação à referência que estabelecem. Assim, “eu-tu” pertencem ao nível pragmático, pois referem a uma realidade cada vez única,

¹⁰ É já clássica a crítica feita pelo autor à descrição homogênea do sistema pronominal nesse texto (1988, p.247-259).

¹¹ Voltaremos a esse aspecto no capítulo 2.

definida na própria enunciação. “Ele” permanece ao nível sintático, já que se combina com referência objetiva de forma independente da instância que o contém.

Pode-se dizer que, nesse texto, Benveniste distingue formas que fazem parte da língua como sistema das formas que fazem parte da língua como discurso. Salienta, assim, a diferença profunda entre a linguagem como sistema de signos e a linguagem assumida por um sujeito, manifesta nas instâncias de discurso por “índices próprios” (1988, p. 283).

Em “Da subjetividade na linguagem” (1958), Benveniste contesta o caráter instrumental da linguagem, afirmando a impossibilidade de estabelecer oposição entre ela e o homem. Para ele, a linguagem é condição para a subjetividade, definida como “capacidade do locutor para se propor como “sujeito”” (1988, p.286).

Nesse texto, a categoria de pessoa é remetida à instalação da subjetividade na linguagem, isto é, os pronomes pessoais – além de outras formas lingüísticas – são descritos como reveladores da subjetividade¹² inerente ao exercício da linguagem.

É comum encontrar-se a interpretação de que Benveniste substitui a dicotomia língua/fala por outras, tais como, de acordo com o que foi exposto neste item, pessoa e não-pessoa, instância de discurso e referência objetiva, indicadores de subjetividade e signos do domínio objetivo. Segundo Teixeira (2004, p.117), esse modo de compreender Benveniste só é viável se nos deixarmos “levar pelas aparências”.

Segundo indicações presentes em Flores (1999), afirma que a perspectiva de Benveniste sofre alteração em “O aparelho formal da enunciação” (1970). Nesse texto, o autor integra o plano objetivo e subjetivo na enunciação. Ele inicia separando a lingüística das formas da lingüística do emprego da língua. À primeira caberia a descrição das regras responsáveis pela organização sintática da língua. A segunda pressupõe a anterior e inclui em seu objeto a enunciação. A argumentação feita neste artigo permite concluir que, para Benveniste, o locutor toma a língua inteira e a coloca em funcionamento para referir o mundo na presente instância de discurso.

Ao estudar determinadas formas da língua – como índices de pessoa (EU/TU), os índices de ostensão (este, aqui), os tempos verbais -, o autor conclui que há elementos que, emanando da enunciação, “não existem senão na rede de “indivíduos”

¹² No próximo item, tratamos particularmente do escopo da noção de subjetividade em Benveniste.

que a enunciação cria em relação ao “aqui-agora” do locutor” (1989, p. 86). Pode-se entender daí que, na visão do lingüista, a subjetividade afeta todo o sistema formal, o que dilui a oposição subjetivo/objetivo no estudo da linguagem.

Além disso, nesse texto, Benveniste reafirma a noção de intersubjetividade – o locutor, ao assumir a língua, instaura o “tu” diante de si – e coloca a referência como parte integrante da enunciação, já que, para ele, “a língua se acha empregada para a expressão de certa relação com o mundo” (1989, p. 84).

O entendimento da referência como construída na enunciação, a partir do eu, apóia nossa proposição de que há uma dimensão dêitica no processo de construção de referência no discurso. A esse respeito, discorreremos no capítulo 3.

Passamos, agora, a situar a contribuição de Bakhtin a nosso estudo.

1.3.3 A Contribuição de Bakhtin

A seguir, buscamos explicar, à luz de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1995), por que as idéias do Círculo de Bakhtin são importantes nesta dissertação. Iniciamos por situar o estudo da significação, que, segundo o próprio autor, é um dos mais difíceis de serem enfrentados pelos estudiosos da linguagem.

Não entraremos na discussão da autoria dos chamados “textos disputados” de Bakhtin, pois não é relevante para nossos propósitos. Nosso estudo atém-se a *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que referimos a Bakhtin/Volochinov, tal como indicado na capa da edição brasileira, entendendo que o pensamento de Bakhtin não se produziu isoladamente, mas em interação com os estudiosos que constituíram o *Círculo de Bakhtin*.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*, no Capítulo 4, Bakhtin/Volochinov registra sua preocupação, a exemplo de Ferdinand de Saussure, em apresentar a delimitação de fronteiras para seu objeto de estudo. O autor, em busca de respostas para seus questionamentos acerca da filosofia da linguagem, passa a examinar

duas orientações do pensamento lingüístico-filosófico: o “subjativismo idealista” e o “objetivismo abstrato” nos capítulos seguintes dessa obra.

Bakhtin/Volochinov constrói sua teoria da significação a partir da crítica à orientação denominada de “objetivismo abstrato”, à idéia de que se pode estudar a linguagem de um modo não dialógico, isto é, desligada de seu *contexto histórico real de utilização*.

Ao opor-se às idéias do objetivismo abstrato, Bakhtin formula a concepção de “enunciação como produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (1995, p.112). Dedicase ao estudo da enunciação, criticando Saussure por isolar a língua num estudo abstrato. Em outras palavras, Bakhtin estuda a enunciação completa – única, individual e não reiterável; Saussure estuda o aparato técnico de colocação da língua em uso – elementos reiteráveis, idênticos e convencionalmente definidos. Mas Bakhtin concorda com Saussure que a língua é um “fato social” cuja existência está ligada às necessidades de comunicação do indivíduo.

Decorrem da crítica formulada por Bakhtin (1995, p.16) outras constatações, entre elas que “o signo e a situação social estão indissolivelmente ligados”. Para ele, “todo signo é ideológico”. Acrescenta que a ideologia modela os sistemas semióticos que a seu serviço são colocados. Também, esclarece que é nas relações cotidianas que a ideologia se forma e se renova, já que a língua é de natureza social e “cada locutor tem um ‘horizonte social’”.

Para Bakhtin, (1995, p. 31-3), é do seu ‘horizonte social’ que o indivíduo atribui valor às palavras. Valor esse que é co-construído em meios às forças sociais que se enfrentam nos atos de linguagem. Ao signo cabe a função de refletir a realidade, mas, sobretudo, de refratá-la, pois as palavras assumem particularidades de sentido que ultrapassam a simples materialização das idéias. Acrescenta que essa materialização pode ser um fragmento de realidade, que não pode ser compreendido fora de seu contexto singular.

De acordo com Flores e Teixeira (2005, p. 45), os estudos realizados por Bakhtin “contribuem para o estabelecimento de um pensamento sobre a enunciação”, abrem espaço para uma Lingüística da Enunciação, lugar de estudos sobre a subjetividade. Acrescentam que Bakhtin propõe que a enunciação seja vista como um

evento sempre renovado por um locutor em permanente interação social, tema que será explorado no decorrer deste trabalho.

O dialogismo assume lugar central nos estudos empreendidos por Bakhtin, que promove o que alguns lingüistas chamam de translingüística, quando o externo passa a compor o quadro de análise dos estudos lingüísticos. A proposta de Bakhtin é estudar a alteridade, o outro que emerge na particularidade da enunciação. Procura uma forma de desvelar a palavra habitada pelo sentido de outros dizeres. Dito de outra maneira, para Bakhtin, há outras vozes que falam em/com nossa voz.

Para Bakhtin/Volochinov o que falta à lingüística é uma abordagem da enunciação em si, dentro do seu curso histórico: “a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal” (1995, p. 126).

Afirma também que:

A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente [...] (1995, p. 126).

Para o autor, os estudos sobre enunciação devem realizar-se numa perspectiva que encare a enunciação individual como um fenômeno puramente sociológico. Afirma que a enunciação só se realiza entre dois falantes (1995, p.127).

Entende Bakhtin (1995, p. 128) que, para atribuímos sentido a uma enunciação, é preciso tomá-la *como um todo*. Afirma que o tema em cada enunciação deve ser único, individual e não reiterável. Para ele, o tema de uma enunciação não somente será determinado pelas formas lingüísticas, mas também, pelos elementos não verbais, a partir dos quais se obtém uma significação. Portanto, a forma e o tema constituem sua Semântica.

Se perdermos de vista os elementos que compõem a enunciação completa, a compreensão ficará prejudicada. Afirma o filósofo, que a amplitude concreta é que permite a percepção do tema que se relaciona com a situação histórica concreta. Isto é,

depende do contexto para significar, da instância histórica em que é dita, e compõe-se de palavras relacionadas à situação, além de relações morfológicas e sintáticas e da entoação dada às palavras.

O autor afirma que:

... o tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir. A significação é um aparato técnico para a realização do tema. [...] Não há tema sem significação, e vice-versa. (1995, p.)

Para o autor, não há como atribuir significado a uma palavra isolada, sem que ela seja parte de um tema, de uma enunciação no tempo e espaço. Essa diversidade de significações “é o índice que faz de uma palavra, uma palavra” (1995, p.130). Ela significa de acordo com a necessidade de significar do sujeito, que, no uso que dela faz, a semantiza. O tema condiciona a significação da palavra, sendo-lhe superior. É através dele que o sentido se constrói, dentro de um contexto e com o todo.

Ao estudarmos o problema da compreensão em Bakhtin (1995, p. 131-2), percebemos que o valor atribuído aos termos enunciados está relacionado à atividade responsiva ativa, pois quando um sujeito se pronuncia já o faz dentro de um quadro interativo, dialógico e intersubjetivo. Na atribuição de significação, a entoação expressiva permite compreender melhor a interação entre sujeitos.

De acordo com Bakhtin/Volochinov (1995, p. 134), a entoação está relacionada à situação de diálogo entre os falantes. A entoação aparece registrada linguisticamente, isto é, a partir do dizer do sujeito é possível observar a carga expressiva que o ocasionou.

Conforme o filósofo (1995, p.135), é certo que, sempre haverá *orientação apreciativa* na enunciação. Para ele, as palavras se deslocam de um contexto apreciativo para outro, o que corresponde a dizer que elas já vêm significadas de um meio social e sofrem contínua *reavaliação*. “Esse alargamento do horizonte apreciativo efetua-se de maneira dialética” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p.136) e proporciona uma evolução semântica, quando *uma nova significação se descobre na antiga*. É o ser em transformação, transformando o sistema lingüístico a seu serviço. Nas palavras de Bakhtin:

A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias (1995, p.136).

Gostaríamos de destacar os pontos principais da teoria semântica que é possível derivar de Marxismo e Filosofia da Linguagem, conforme indicações presentes em Faraco (2003) e Flores e Teixeira (2005). Embora nos capítulos 4 e 5, Bakhtin/Volochinov deixem entrever uma negação radical da perspectiva formal de estudo da linguagem, no capítulo 7 ele coloca os planos do abstrato e do concreto em estreita correlação. Ao discutir a significação do enunciado, o autor inclui “o aparato técnico” como indissociável da enunciação. Faraco destaca que, assim, o Círculo antecipa, “por várias décadas, o desafio que continua a nos perseguir nas disciplinas da significação, isto é, engendrar modelos semânticos capazes de subsumir esta correlação” (2003, p. 95). Em outras palavras, na interpretação de Faraco (2003, p.95), a semântica preconizada em MFL contempla a “significação dada pela estrutura (reiterável e sempre igual) e a significação dada pela enunciação (o sempre mutável e adaptável) [...]”.

Flores e Teixeira (2005, p.52) acrescentam que a teoria do significado que advém do pensamento do Círculo “ganha contornos mais ricos pelo reconhecimento de que, além de tema e significação, a palavra tem acento apreciativo e de valor”. O acento apreciativo transmite-se pela entoação expressiva, que se relaciona ao sujeito e a sua relação com o outro. Em suma, na interpretação de Flores e Teixeira, a orientação apreciativa é “constitutiva da enunciação” (ibid.), o que implica reconhecer que o sujeito, compreendido como dialógico, é quem semantiza a língua no processo enunciativo.

Passamos a situar, a seguir, sob que perspectiva a subjetividade é tomada neste trabalho.

2 ENUNCIÇÃO E SUBJETIVIDADE

É inevitável tratar de sujeito quando o assunto é enunciação. As teorias da enunciação suscitam a existência de um sujeito que surge através da tomada da palavra por alguém que diz: - *eu*. É na capacidade do locutor de se propor sujeito, e estabelecer com *outro* a intersubjetividade que emerge a subjetividade, sendo essa da própria natureza da linguagem.

Mas o que se pode entender por subjetividade nas teorias enunciativas aqui apresentadas?

2.1 A (inter)subjetividade em Benveniste

A noção de (inter)subjetividade pode ser estudada em vários textos de Benveniste. Optamos pelos textos de 1946 – Estrutura das Relações de Pessoa no Verbo, 1956 – A natureza dos pronomes, 1958 e – Da Subjetividade na Linguagem para construir nossa reflexão, apoiando-nos em interpretações de Normand (1996), Flores (2006) e Teixeira (2008).

Iniciaremos pela definição que Benveniste (1995, p. 248) constrói para pessoa verbal¹³. Para o autor, a definição de pessoa verbal ocorre com base na oposição entre elas próprias. Ao estudar como uma se opõe ao conjunto das outras, definiu “eu” e “tu” como pertencentes à categoria de pessoa, e “ele” como não-pessoa. As duas primeiras são únicas, inversíveis, porém, somente “eu” é pessoa subjetiva; “tu” corresponde a pessoa não-subjetiva. A pessoa subjetiva revela-se a partir de seu dizer no momento de sua enunciação; a pessoa não-subjetiva é “tu”.

Benveniste (1995, p. 250) propõe a validade das definições empregadas pelos gramáticos árabes. Para eles, a primeira pessoa (eu) designa “aquele que fala”; a

¹³ Estrutura das Relações de Pessoa no Verbo (1946) em *Problemas de Linguística Geral I*.

segunda (tu), “aquele a quem nos dirigimos”; mas a terceira pessoa (ele) é “aquele que está ausente”. Nessas denominações, aparece a diferença entre a terceira pessoa e as duas primeiras: somente a primeira e segunda pessoa pertencem ao discurso.

Há certa unanimidade em atribuir-se a Benveniste a introdução do tema da subjetividade no âmbito dos estudos lingüísticos. O que não há é um consenso em relação ao estatuto dessa noção no pensamento do autor.

Normand, estudiosa atenta às sutilezas da reflexão benvenistiana, aponta, em artigo publicado no Brasil no ano de 1996, uma diversidade de sentidos que a palavra sujeito recebe ao longo da produção de Benveniste. Há momentos em que por essa palavra o autor refere sujeito gramatical, agente, pessoa; há outros em que significa sujeito falante. Normand (1996) destaca, no entanto, que a expressão *sujeito da enunciação* jamais foi utilizada por Benveniste, o que talvez indique que, de fato, ele não tenha intencionado propor uma teoria do sujeito.

Flores (2006) segue, mais adiante, nessa mesma linha de raciocínio, salientando que a lingüística, nem mesmo a da enunciação, comporta uma teoria do sujeito, uma vez que o sujeito em si transcende seu quadro teórico. Na visão do autor, o que a lingüística da enunciação pode contemplar é a representação do sujeito, isto é, sua propriedade de se “marcar” no enunciado.

Se a noção de sujeito transcende o campo da lingüística, não se pode levá-la em conta em estudos enunciativos?

Teixeira (2008) destaca que, embora não proponha uma teoria do sujeito, Benveniste deixa uma pista nesse sentido quando afirma que: “Ora, essa “subjetividade”, quer a apresentemos em fenomenologia ou, em psicologia, como quisermos, não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “ego” que diz ego.” (BENVENISTE, 1989, p.286).

Percebendo essa abertura para o texto de Benveniste, Flores (2006) propõe que a noção de sujeito seja buscada em um campo exterior à lingüística, ao modo como o faz Authier-Revuz (2004).

Inspirando-me nessa proposta, buscamos em Bakhtin apoio para conceber o sujeito numa perspectiva um pouco mais ampla. Esclarecemos, antes de mais nada, que

ao assim procedermos, não deixamos de reconhecer o pensador russo como um teórico do campo da enunciação. No entanto, consideramos que sua perspectiva dialógica da subjetividade permite transitar para o âmbito do discurso socialmente situado.

2.2 O sujeito dialógico

O propósito deste item é promover uma reflexão em torno da concepção de sujeito no Círculo de Bakhtin. Buscamos construí-la a partir da leitura de textos que constituem MFL, entre eles *A interação social, Tema e significação na língua* (1995) e examinando artigos de Dahlet (1997) e Teixeira (2006).

No capítulo 6, *A interação verbal* (1995, p.110), Bakhtin/Volochinov retoma e aprofunda os estudos sobre o subjetivismo individualista. Esclarece que essa corrente de estudos está relacionada ao Romantismo, já que os românticos foram os primeiros a realizar reflexão sobre a atividade mental em língua materna, através da qual se desenvolve a consciência e o pensamento.

O objeto de estudo do subjetivismo individualista é a enunciação monológica, abordada “do ponto de vista da pessoa que fala, exprimindo-se”. Dentro do subjetivismo individualista, a enunciação monológica apresenta-se “como um ato puramente individual, como uma expressão da consciência individual” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1995, p. 111).

Essa consciência se forma no psiquismo individual e, através da expressão, exterioriza-se para outrem através da enunciação. Por isso, a expressão comporta duas faces: o conteúdo interior é transposto em palavras para o exterior. Na avaliação de Bakhtin/Volochinov, no subjetivismo, o exterior torna-se receptáculo do interior.

Essa concepção entende que o conteúdo interior, ao ser exteriorizado, muda de aspecto, pois precisa adaptar-se às formas de expressão do pensamento, que possui regras. Decorre daí, que não há uma forma de expressar o pensamento interior sem deformá-lo.

Bakhtin/Volochinov afirma não haver distinção entre a qualidade do conteúdo interior e a expressão exterior, já que ambos são constituídos pelo mesmo material semiótico. Para ele: “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (1995, p.112). Afirma que “o centro organizador e formador [do pensamento] não se situa no interior, mas no exterior”. Assim, a enunciação será sempre moldada pela *situação social mais imediata*, o que o leva a concluir que “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (1995, p.112).

Para Bakhtin/Volochinov (1995), a *palavra dirige-se a um interlocutor*. Na falta dele, por um representante médio do grupo ao qual ele pertence. Quando for necessário supor alguém, dever-se-á supor, também, um *horizonte social*. Nele se evidenciará a criação ideológica do grupo e da época a que pertence. Assim, “a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (p.113).

De acordo com Bakhtin (1995, p.113), a palavra adquire importância fundamental na relação entre locutor e interlocutor. Funciona como elo entre ambos. Serve a *um* e a *outro*. Afirma o autor: “Ela é a ponte lançada entre mim e os outros”. Ao materializar-se, a palavra torna-se signo, saído de um estoque de termos sociais disponíveis; *realizando-se em sentido*. Esse se concretizará conforme as relações sociais que exerce(m) o locutor e o (no) auditório social, reflexo da inter-relação entre os indivíduos, que se constituem na alteridade, isto é, no reconhecimento recíproco entre *eu* e o *outro*; o *outro* e *eu*.

Para Bakhtin, (1995, p.113), a tomada de consciência interior determina a (re)ação e em que tom ela se manifestará. A expressão exterior prolonga ou esclarece a orientação social tomada pelo discurso interior.

As palavras encontram ressonância de acordo com o contexto social em que são utilizadas. Acrescenta que “o grau de consciência, de clareza, de acabamento formal da atividade mental é diretamente proporcional ao seu grau de orientação social”. A atividade mental pode ser marcada por entoações sutis e complexas de acordo com a tomada de consciência do indivíduo. Sem o caráter apreciativo não há atividade mental (1995, p.114).

De acordo com o filósofo, “a consciência tem existência real e representa um papel na arena do ser” (1995, p.118). É uma parte do ser e permanece introjetada nele mesmo. Torna-se uma força real quando se expressa pelo poderoso sistema da ciência, da arte, da moral e do direito, capaz de exercer uma reação sobre as bases econômicas da vida social. Transforma-se num *fato social*, pois reforça uma expressão ideológica sólida. Mas, também, repercute sobre a atividade mental, estruturando a vida interior, a partir de sua materialização. Essa ação pode assim ser resumida, conforme Bakhtin/Volochinov: “o nosso mundo interior é que se adapta às possibilidades de nossa expressão, aos seus caminhos e orientações possíveis” (1995, p.118).

Estruturada a vida interior, para onde convergem todas as informações sociológicas (atos, gestos, estados de consciência), teremos organizada a *ideologia do cotidiano* (p.118), que poderá relacionar-se com outros produtos ideológicos de onde resultará uma avaliação crítica viva. Uma obra literária, por exemplo, é levada, conforme Bakhtin (p.119), a esse contato com o discurso interior, que vai gerar um produto social, a partir de um ato individual e singular.

Conforme Bakhtin, “a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da ‘interação verbal’, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.” (1995, p. 123).

Como se pode perceber, o sujeito bakhtiniano se consubstancia a partir da interação verbal entre sujeitos, estando, o diálogo no centro das relações sociais. De acordo com Dahlet (1997, p.59), por esse princípio dialógico, sujeito e sentido constituem-se no social. Em sua interpretação, para Bakhtin, o sujeito não é autor único de sua existência, passando pela consciência do outro para se constituir. Interpreta que há algo de kantiano no sujeito desenhado por Bakhtin, no momento em que o pensador russo faz uma crítica radical ao sujeito enquanto tal. Afirma que, em Bakhtin, o sujeito tem voz e só pode ser conhecido através do diálogo, o que elimina a possibilidade de existir um sujeito fora do discurso que ele produz. É assim que Bakhtin, em seu pensamento, prevê, então, um sujeito instituído pelo discurso do outro. Observamos com Dahlet que o “eu”, na visão do filósofo russo, está na dependência do “nós” ou de “outro(s)” e somente através dele(s) se realiza.

Teixeira (2006, p. 228) ressalta que, como várias correntes reivindicam o pensamento do filósofo russo, é de se esperar que o sujeito seja entendido por ângulos diferentes. No desenvolvimento de seu pensamento, acrescenta que, para alguns teóricos do campo social, Bakhtin é considerado “marxista”, pois teria uma concepção de sujeito do ponto de vista da identidade coletiva. Nessa interpretação, o sujeito é compreendido como sobredeterminado pela história e pelo social (2006, p. 227).

Outros autores, de acordo com Teixeira (2006, p. 228), vêm em Bakhtin, um sujeito instável, efêmero e mutável, que se contrapõe àquele da *tradição moderna*. A interpretação do sujeito pelo paradigma da pós-modernidade desvela um sujeito sem essência, que se institui *entre linguagens* de acordo com Signorini apud Teixeira (2006, p. 229).

Na avaliação de Teixeira (2006, p. 229), a leitura parcial dos textos de Bakhtin prejudica a compreensão de seu pensamento, pois não é fácil classificá-lo, quanto mais nos padrões fixos em que se buscam enquadrar as realidades humanas. Além disso, essas noções de sujeito não resistiriam a uma leitura do conjunto da sua obra.

Ao analisar mais detalhadamente as obras do pensador, Teixeira (2006, p.229) conclui que o sujeito bakhtiniano *emerge e se sustenta na enunciação*, processo em que o “eu” e o “outro” se constituem subjetivamente, em inter-relação – na alteridade. Seguindo essa linha de pensamento, o sujeito é um ser da linguagem que só nela tem existência.

Bakhtin apresenta uma *concepção dinâmica da enunciação* em que o sujeito é *produto de uma voz na outra*, cuja experiência verbal toma forma sob o efeito da interação *contínua e permanente* (Teixeira, 2006, p. 230-1).

A autora conclui que se o sujeito bakhtiniano não é egocêntrico, também não pode ser entendido como alguém de contornos indefinidos, sempre em processo, imprevisível. Ele pode ser visto *como resultado*. Desse modo, é no interior da plurivocalidade, da dialogização entre vozes sociais que o sujeito se constitui nessa perspectiva.

Faraco resume bem o que se pode depreender do pensamento do Círculo em relação ao sujeito: “É nessa atmosfera heterogênea que o sujeito, mergulhado nas

múltiplas relações e dimensões da interação socioideológica, vai se constituindo discursivamente, assimilando vozes sociais e, ao mesmo tempo, suas interrelações dialógicas.” (2003, p.80)

O sujeito se institui, então, sob as pressões do dialogismo, por vozes em concorrência e sentidos em conflito, perceptíveis na realidade do discurso.

Da contribuição de Benveniste, trazemos a idéia de que a subjetividade está implicada em todo uso feito da linguagem. Da contribuição de Bakhtin, a concepção de que esse sujeito que advém na enunciação é constituído na interação viva com as vozes sociais. No próximo capítulo, buscamos mostrar como essas formulações se entrelaçam para a construção de uma proposta de como conceber a referência numa perspectiva enunciativo-discursiva.

3 ENUNCIACÃO E REFERÊNCIA

Neste capítulo, o objeto de reflexão será a referência. Iniciaremos com considerações gerais sobre o tema, para, em seguida, tratar da exclusão do referente por Saussure e de seu retorno nos estudos de Benveniste. A seguir, veremos que Bakhtin já propunha, através da teoria da refração do signo, um ponto de vista para tratar do referente no discurso. Por fim, a partir de indicações presentes em Benveniste, propomos a existência de uma dimensão dêitica da referência no discurso.

3.1 Considerações Iniciais

A temática da referência está entre as que mais mobilizaram a reflexão sobre a linguagem ao longo do tempo, tanto entre filósofos, como entre lingüistas, lógicos, semioticistas, analistas do discurso, psicólogos, sociólogos (ILARI et. al., 2005, p. 7).

Mondada (2005, p.11) apresenta pelo menos duas formas teóricas de ver a referência. A primeira entende a referência como “um problema de representação do mundo”, concebendo as formas lingüísticas utilizadas para referir em termos vericondicionais. A vericondicionalidade diz respeito à relação de correspondência (ou não) com os objetos do “mundo real”. Exemplificando, um nome tem significado se, através de seu sentido, podemos identificar um objeto no mundo.¹⁴

A relação de correspondência entre linguagem e mundo tem sido colocada em questão em estudos recentes, o que faz emergir a segunda forma teórica de olhar para esse fenômeno, indicada por Mondada (2005). Nessa segunda acepção, a referência resulta da interação entre locutores, num processo intersubjetivo, que se desenvolve no discurso. O sujeito opera referenciações de que resultam objetos-de-discurso, que ao contrário do que preconiza a perspectiva vericondicional, não visam a espelhar o

¹⁴ Nem todas as abordagens semânticas sustentam que a relação entre linguagem e mundo deve fazer parte da reflexão sobre o significado. Segundo Oliveira (2001, p. 95), Chomsky evita o problema, remetendo-o para fora do domínio da lingüística, ao postular que a referência é “um dos possíveis da linguagem”, não estando, assim, “sujeita a uma descrição naturalista”.

mundo, mas resultam da “relação intersubjetiva e social” em que versões da realidade são elaboradas.

Essa segunda visão tem se evidenciado, cada vez mais, nos estudos lingüísticos das práticas referenciais que hoje são realizados. Uma das perspectivas que tem contribuído bastante para seu desenvolvimento é a sociocognitiva (ou sociointeracionista), representada por Mondada, Dubois, Apothéloz, entre outros especialistas mundiais da área, e, no Brasil, particularmente, pelo grupo de pesquisa PROTEXTO, que reúne estudiosos de diversas universidades (UFC/UECE/ UNICAMP/ UNISUL).

Sob a visão sociointeracionista, a língua é analisada como “uma construção simbólica para a qual concorrem vários fatores psicossociais” (ILARI et. al., 2005, p. 9). Sendo assim, a relação da linguagem com o mundo é, ao mesmo tempo, “dialeticamente determinada e determinante, estruturada e estruturante, organizada e organizadora” (ibid.).

Conforme Cavalcanti (2005, p. 125) “é da inter-relação entre língua e práticas sociais que emergem os referentes, ou objetos-de-discurso”. Desse modo, cada processo de referenciação também é único e efêmero; dinâmico, a partir da condição do sujeito no contexto.

De acordo com Koch, os objetos-de-discurso “não se confundem com a realidade extralingüística, mas (re)constróem-na no próprio processo de interação: a realidade é construída, mantida e alterada”. (2005, p. 33) O sujeito, ao processar as informações do mundo e representá-lo, o faz (re)construindo o real com o qual interage, transformando esse real em objeto-de-discurso. Desse modo, a realidade extralingüística não pode ser tida como o nosso entorno propriamente dito, mas configura-se como uma “versão”, que diz respeito ao modo como os sujeitos “compreendem o mundo” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17). Nesse sentido, o sujeito se vê implicado no material lingüístico que produz, pois realiza escolhas ao processar seu discurso. As escolhas anafóricas nominais contêm, então, algo que é subjetivamente alocado na memória discursiva. Nessa perspectiva, o termo “referência” dá lugar ao termo “referenciação”, mais apropriado para designar a natureza processual e discursiva da construção de referência.

Reconhecemos a grande contribuição dos estudos da referenciação sob a ótica sociointeracionista, sobretudo, para a investigação relacionada às estratégias de textualização. No entanto, buscamos olhar para esse fenômeno desde o ponto de vista de teorias da enunciação, no qual fundamentamos a reflexão feita neste trabalho. Para melhor ancorar a discussão que propomos, faz-se necessária uma breve apresentação do modo como a teoria saussuriana lida com essa problemática no *Curso de Lingüística Geral* (CLG). Essa pequena incursão no CLG se justifica, tendo em vista que o pensamento de Benveniste desenvolve-se em estreita relação com os princípios formulados por Saussure.

3.2 Exclusão do referente em Saussure

Nosso objetivo, neste item, não é apresentar uma leitura completa do CLG, mas apenas do tratamento dado, nessa obra, à questão do vínculo linguagem e realidade.

O CLG (PAVEAU, 2006, p. 63) aparece como o primeiro texto a propor o estudo da língua como sistema. O corte epistemológico realizado por Saussure provocou uma ruptura com a lingüística comparatista do século XIX. A abordagem proposta por ele inspirou o surgimento do estruturalismo. Por essa razão, Saussure é considerado o pai do estruturalismo, ainda que a palavra “estrutura” não tenha jamais sido utilizada por ele.

De acordo com Paveau (2006, p. 76-7), o *sistema* é uma das noções mais fortes e mais retomadas no CLG, sobre a qual recaem formulações célebres, entre elas “a idéia de que as unidades da língua são definíveis, não pela sua descrição isolada (conforme o método de seus predecessores), mas pelo seu lugar e suas relações no interior do sistema”.

De acordo com Araújo (2004, p.28), para poder preservar o caráter científico da lingüística, Saussure relegou a referência à exclusão, pois referir corresponde a trazer o externo para a língua, considerada pelo autor como um sistema abstrato de relações internas.

A dicotomia língua/fala fornece à lingüística “uma dimensão empírica e metodológica” (FLORES, 1999, p. 104). O conceito de *signo* garante “os princípios da evidência e da simplicidade”, imprescindível ao reconhecimento da lingüística como ciência. O signo saussuriano “une não uma coisa a uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1977, p. 80), elementos chamados, respectivamente, de significado e significante. Sendo assim, a língua constitui-se como um sistema puramente diferencial e, portanto, não-representacionista, ou seja, “seus elementos adquirem sentido pelas relações negativas que mantêm entre si” (FLORES, 1999, p. 105).

Na interpretação de Araújo (2004, p. 28), a exclusão do referente no CLG tem duas conseqüências. A primeira, considerada produtiva pela autora, diz respeito à idéia de que “falar é relacionar signos entre si e não signos com a realidade.” Já a segunda conseqüência, vista como problemática, diz respeito ao abandono da referência pelo CLG, sob a qual está a idéia de que “referir depende de fatores extralingüísticos”, idéia que, na opinião de Araújo, é bastante discutível.

Não entraremos no mérito dessas considerações da autora para não extrapolar os propósitos de nossa breve incursão no CLG. Se a citamos, é para introduzir a proposição de Benveniste que, sem abandonar o princípio saussuriano de que os signos não se definem por sua relação com a realidade exterior, contempla a dimensão referencial da linguagem, remetendo-a à questão da subjetividade.

3.3 O retorno do referente em Benveniste

A teoria saussuriana é basilar para as formulações de Benveniste. Ele a atravessa, ultrapassando-a no que diz respeito ao fechamento da análise lingüística no sistema, fazendo retornar o estudo sobre a significação e a referência, a partir da subjetividade. Ao *ultrapassar conservando* os princípios saussurianos, Benveniste inscreve sua própria singularidade, isto é, “ao enunciar sua própria teoria no interior do campo saussuriano, o reatualiza”, instituindo seu “lugar singular de enunciação, renovando a significação deste campo” (TROIS, 2004, p. 34).

Uma leitura superficial do texto benvenistiano pode levar à conclusão de que o lingüista exclui a referência da enunciação. Como vimos, quando estuda os pronomes, ele demonstra que não podem ser considerados como constituindo uma classe homogênea, pois, devido à sua natureza, nem à mesma classe pertencem. Reparte-os, então, em dois grupos: *eu* e *tu* constituem a categoria de pessoa; *ele* é não-pessoa.

Eu é o indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância lingüística eu; [...] tu é o indivíduo alocutado na presente instância de discurso contendo a instância lingüística tu (1988, p. 279). [...] ele predica o processo de não importa quem ou não importa o que, exceto a própria instância podendo sempre esse não importa quem não importa o que ser munido de uma referência objetiva (1988, p. 282).

A julgar por aí, a não-pessoa não encontra lugar nos estudos enunciativos, pois corresponde a alguma coisa ou a algo referido objetivamente no mundo. Para Benveniste a não-pessoa:

é a forma do paradigma verbal ou pronominal que não remete a nenhuma pessoa, porque se refere a um objeto colocado fora da alocação. Entretanto, existe e só se caracteriza por oposição à pessoa eu do locutor que, enunciando-a, a situa como não-pessoa. Esse é o seu status. A forma ele tira seu valor do fato de que faz necessariamente parte de um discurso enunciado por eu. (1995, p.292)

Conforme apresentamos anteriormente (item 1.3.2), em “O aparelho formal da enunciação” (1989, p. 84), Benveniste claramente afirma que “a língua se acha empregada para expressar certa relação com o mundo”. Com essa afirmação, estaria ele abandonando os princípios básicos do mestre Saussure? De fato, não é isso que ocorre. Essa relação com o mundo de que ele fala é mediada pelo sujeito. Nessa perspectiva, o referente é, então, o objeto particular a que a palavra corresponde na circunstância concreta de uso da língua.

De acordo com a leitura de Lichtenberg (2001, p. 159), a não-pessoa, seja entendida como o pronome “ele”, seja como um nome, “não tem como referência o *externo*, mas a instância de discurso.” Se a autora tem razão, as reflexões de Benveniste não autorizam que se contemple a dimensão referencial da linguagem separadamente da questão da subjetividade. Estando os atos de linguagem relacionados ao “eu”, em

sentido amplo, “toda a língua é dêitica”, como afirmam Flores e Teixeira¹⁵ (2005, p. 42), “na medida em que necessita ser referida a quem a enuncia para ter sentido”. Sendo assim, os fenômenos lingüísticos precisam ser analisados a partir da centralidade do “eu”. É desse modo que nos propomos a olhar a referência neste trabalho.

Como definimos o sujeito pela ótica bakhtiniana, antes de propriamente discorrer sobre a dimensão dêitica da referência, apresentamos a noção de refração do signo, que, a nosso ver, permite articular o lingüístico *stricto sensu* ao extralingüístico na teorização sobre a construção de referência no discurso.

3.4 A refração do signo em Bakhtin

Em Bakhtin (1995), a referência aparece sob o véu da *refração*. O filósofo traz elementos para que se acrescente à discussão dos processos de criação de referência a consideração de que a linguagem já está valorada, quando a tomamos para falar sobre o mundo.

A noção bakhtiniana de signo, em torno da qual se coloca a questão da refração, levanta questões sobre a referência que abalam a idéia de que o processo de referenciação tem uma função meramente identificadora.

De acordo com Bakhtin (1995, p. 31), representamos nossos pensamentos, através de signos - resultado material do intercâmbio social entre indivíduos - que veiculam idéias num processo de construção ideológica sempre renovada que se vai refletir e refratar em palavras.

Para Bakhtin (1995, p. 35), nosso dizer nunca é original, as palavras já se encontram “habitadas”, recobertas de sentidos e qualificações, e sua compreensão se dá relacionada ao contexto sócio-discursivo e ideológico. Em decorrência disso, “os signos só podem aparecer em um terreno *interindividual*”. As palavras estão impregnadas de valor apreciativo.

¹⁵ Ao afirmar isso, os autores não deixam de reconhecer que a dêixis tem um mecanismo que lhe é próprio: “a característica de somente adquirir sentido no uso feito pelo ‘eu’” (2005, p. 42).

Faraco (2003, p.49) destaca que o sentido atravessa “uma densa e tensa camada de discursos”. Nosso dizer sobre as coisas relaciona-se com o dizer dos outros e com outros discursos para assim se concretizar num sentido entre tantos outros sentidos possíveis. Então, dizer que os signos apenas refletem o mundo está equivocado, uma vez que eles também o refratam, de acordo com as experiências múltiplas e heterogêneas dos grupos humanos.

Faraco (2003, p.50) relaciona o conceito de refração ao processo de referenciação. Para ele, são duas as operações que realizamos no processo de referenciação, simultaneamente, as palavras refletem e refratam o mundo. Declara que “nós não somente descrevemos o mundo, mas [o] construímos”, a partir de nosso ponto de vista e das experiências que temos, de modo heterogêneo e sempre múltiplo. Na compreensão do autor, é natural que existam, por parte dos grupos humanos, valorações diferentes relativas aos entes e eventos, às ações e relações que ocorrem nas práticas sociais.

Podemos afirmar, então, que, levando-se em conta a noção bakhtiniana de refração, a significação não depende de um sistema abstrato, único e atemporal, nem da referência a um mundo uniforme e transparente, mas é construída “na dinâmica da história”, marcada pela presença do homem, com suas “inúmeras contradições e confronto de valorações e interesses sociais” (FARACO, 2003, p. 50).

Para Faraco (2003), Bakhtin propõe que se olhe para a materialidade do mundo que é refratada pelos signos que utilizamos. Através da refração não somente descrevemos o mundo, mas também construímos diversas interpretações dele. Os signos comportam essa diversidade de sentidos; não são monossêmicos e, sim, multissêmicos. Segundo o Círculo, “não é possível significar sem refratar” (FARACO, 2003, p. 50).

Na perspectiva do presente trabalho, a referência encontra-se remetida ao eu, que se constitui como sujeito em meio a um complexo de vozes sociais, em múltiplas relações dialógicas. Nesse sentido, a relação entre linguagem e realidade é vista como mediada pelos acentos apreciativos, traduzidos pela entoação expressiva pela qual o sujeito se inscreve em seu discurso.

Passamos, a seguir, a precisar melhor o que entendemos por dimensão dêitica da referência no discurso. Começamos por tentar delimitar o âmbito da noção de dêixis em relação ao da noção de anáfora.

3.5 A dimensão dêitica da referência no discurso

3.5.1 A dêixis

Os dêiticos são comumente considerados como geradores da incorporação do contexto e do sujeito nos estudos da linguagem. Eles realizam o fenômeno da dêixis (ato de mostrar), que é um dos traços que distinguem a linguagem humana das linguagens artificiais, tornando-a apropriada para o uso em situações correntes (ILARI; GERALDI, 1985, p. 66).

É interessante assinalar que nenhum sistema lógico-matemático utiliza tais signos, enquanto que nenhuma língua natural parece poder prescindir deles (Lahud, 1979, p. 25)¹⁶. Talvez por isso, os pronomes e os demonstrativos constituem-se em tópico que intriga e desafia filósofos e lingüistas (PARRET, 1988, p. 149). A semântica dos demonstrativos é ainda controvertida e, em alguns aspectos, inexistente (ibid.).

Para Lahud (1979), todo conceito é produto de um *trabalho* vivo que o submete a transformações regradas, fazendo variar sua extensão e compreensão, deslocando-o de sua região de origem. No caso da noção de dêixis, não se pode partir de um campo semântico delimitado, além de se estar diante de uma terminologia diversificada.

Em obra que realiza uma abordagem filosófica da dêixis, Lahud (1979, p. 40) salienta a enorme dificuldade de se obter uma caracterização unívoca e precisa dessa categoria lingüística. Há diferentes pontos de vista a respeito, traduzidos em grande divergência terminológica.

¹⁶ Para Ilari e Geraldi, o fenômeno da dêixis dá às línguas naturais uma grande agilidade (1985, p. 67).

A palavra “dêiticos” é a designação mais difundida, formada a partir de “dêixis”, que diz respeito à ação de mostrar¹⁷, indicar, assinalar, etc. Transformada em termo técnico da teoria gramatical, é forma frequentemente usada por filósofos e lógicos para designar uma das classes da categoria mais abrangente das expressões referenciais definidas¹⁸, ou seja, na categoria das expressões referenciais definidas, uma das classes é a dêixis.

O termo *shifters*, formado a partir do verbo “to shift” (mudar, variar, trocar), é utilizado por Jakobson para designar as unidades do código que “ancoram” a mensagem na situação.

Benveniste refere-se a indicadores de subjetividade, índices (ou signos) do discurso, índices (ou signos) da enunciação (Benveniste), enquanto Russel utiliza a expressão *egocentric particulars* (particulares egocêntricos), *circonstanciels égo-centriques, indicateurs de subjectivité*.

O breve inventário terminológico feito por Lahud atesta a situação problemática em que se encontra essa categoria para estar abrigada numa única e mesma classe. Lahud (1979, p. 41-42) se pergunta: Existe um terreno comum de fundo a partir do qual esses diferentes pontos de vista apareceriam apenas como variações de superfície? Ou nos encontramos diante de uma noção cujas sobredeterminações não são de fato conciliáveis e cuja ambigüidade repousa sobre a presença, por trás de cada termo distinto ou ainda por trás de um mesmo termo, de realidades e problemas bem diferentes?

Para se saber o que é a dêixis lingüística seria preciso, antes de mais nada:

- tentar delimitar o campo semântico que essa noção recobre, mediante uma análise de seus diversos usos e campos de aplicação;
- precisar o que tornou possível esta ou aquela definição (e, eventualmente, a passagem de uma à outra), e “qual a perspectiva em que se encontra aquele que as assume”;
- perguntar-se quando, onde e como se fala de dêiticos, de *shifters*, de particulares egocêntricos, etc.

¹⁷ O termo “dêixis” se origina da referência *gestual*, isto é, na identificação do referente por meio de algum gesto corporal por parte do locutor.

¹⁸ Expressões referenciais prototípicas. Quando o falante emprega uma expressão definida, indica por esse meio que está realizando um ato de referência, e garante (implicitamente) ao destinatário que a expressão conterá todas as informações que se requerem para identificar o referente (Parret, 1988, p. 145).

Em razão disso, Lahud (1979, p. 42) vê necessidade de uma investigação “arqueológica” da noção para execução de seu projeto: determinação das marcas que a existência de dêiticos nas línguas impõe à experiência vivida. É a esse empreendimento que sua obra se dedica. Não vamos aqui trazer a discussão do autor em toda sua extensão, mas apenas comentar o capítulo em que ele discute a dêixis na perspectiva da enunciação.

O autor considera a teoria de Benveniste como a mais representativa em relação ao ponto de vista sobre a dêixis, por considerar que ela versa sobre uma questão de enunciação e não sobre um problema de referência; por acentuar a diferença de natureza entre pessoas, tempos etc.; por indicar claramente a particularidade que distingue dêixis e anáfora.

De fato, Benveniste, em um momento de sua teorização, vê diferença entre a função dos anafóricos (substitutivos) e a dos indicadores de pessoa, pela profunda diferença de natureza e de função entre os termos aos quais essas expressões remetem. Se “eu” / “tu”: são signos de uma relação ao ato de fala, as unidades cuja função é relacionar dois termos do enunciado pertencem a uma “espécie de semiologia” de natureza totalmente diversa daquela cujo caráter próprio consiste em relacionar o enunciado à enunciação. Com “O aparelho formal da enunciação” (1989), a situação modifica-se um pouco, como já dito, pois a inclusão da referência na enunciação imprime uma dimensão dêitica a toda língua, uma vez que, no processo de semantização, há necessidade de referir a língua a quem a enuncia. Diante disso, cabe perguntar como fica a distinção entre dêixis e anáfora.

3.5.2 Da diferença entre dêixis e anáfora

O estatuto da oposição dêiticos/anafóricos varia com os diferentes pontos de vista segundo os quais a dêixis é definida (LAHUD, 1979, p. 120). Há quem considere os termos dessa oposição como tendo naturezas semânticas totalmente diferentes e aqueles que acham que esses termos respondem a condições diversas de uso e funcionamento, embora pertençam à mesma “espécie de signos”, por partilharem da mesma natureza e função semântica (LAHUD, 1979, p. 120).

Todorov (1988, p. 290), por exemplo, identificando, entre lingüistas, uma tendência de se referirem à enunciação com o termo dêixis, considera que esse termo “mascara” uma distinção importante. Na categoria dos dêiticos, comenta o autor, há formas que remetem a elementos anteriores ao próprio enunciado (ele, ela,...) e formas que remetem aos elementos do ato de fala (eu, tu). Distingue, então, dêixis anafórica de dêixis indicial. Como se pode perceber, para Todorov, a dêixis é uma categoria mais ampla, que abriga a anáfora e o que Benveniste chama de indicadores de subjetividade.

O ponto de vista que preconiza uma noção referencial de dêixis, isto é, que assimila a dêixis à problemática da referência, torna a diferença entre anáfora e dêixis uma diferença de grau e não de natureza. Segundo esse ponto de vista, a distinção dá-se entre palavras que fazem referência às circunstâncias, sendo a partir da situação extralingüística que se determina o referente do indicador; e palavras que fazem referência por uma relação “parasitária”¹⁹ à referência precedente, cuja determinação é operada pelo cotexto.

Lahud (1979, p. 120) cita a distinção de Peirce entre *genuine índices*, cujo “objeto” é uma “coisa existente” (em conexão com os *sentidos* do sujeito); e *degenerate índice*, em que o “objeto” é uma “imagem criada por palavras precedentes” (em conexão com a memória do sujeito). Ambos são símbolos-índices: *puros* no primeiro caso; e *degeneradores*, no segundo.

Finalmente, Lahud (1979, p. 120-121) faz menção a dois textos de Bally. No primeiro, *Linguistique générale et linguistique française*, de 1932, o lingüista considera que os fenômenos da dêixis e da anáfora manifestam uma mesma função lingüística, a designação de um atual, podendo ser representado por meio de um signo que: o localize, o mostre, o *apresente* numa situação real; o lembre, o represente, associando-o a um contexto já enunciado (cotexto). Já no segundo, um artigo publicado em *Journal de psychologie*, em 1933, Bally coloca-se numa posição mais próxima de Benveniste, ao falar de formas absolutas (o que poderíamos chamar de *dêiticos*), termos cujo sentido se define em relação ao sujeito falante; e formas relativas (o que poderíamos chamar de *anafóricos*), termos cujo sentido depende de uma instância

¹⁹ A expressão, citada por Lahud (1979, p. 119), é de Searle (*Speech Acts*, 1969, p. 90).

“objetiva”, isto é, outra instância que não aquela refletindo seu próprio emprego pelo sujeito do discurso.

Sem deixar de reconhecer que a dêixis e a anáfora têm mecanismos próprios, consideramos que, em sentido amplo, a linguagem comporta uma dimensão dêitica, pois necessita ser remetida a quem enuncia para ter sentido (FLORES; TEIXEIRA, 2005). Assim, todos os elementos lingüísticos – não só aqueles classicamente colocados como indicadores de subjetividade - necessitam ser analisados na instância de discurso que contém “eu”.

Posição semelhante é encontrada em Siblot (2007), para quem, como não podemos designar as coisas “por elas mesmas”, pois as nomeamos sempre a partir de “nós”, essas nomeações dizem de nossas relações com as coisas e não das coisas propriamente ditas. O autor admite um componente dêitico na nomeação e a implicação do locutor na designação verbal. Para ele, a categorização nominal comporta uma dêixis própria, que se realiza e regula na atualização da língua em discurso.

3.6 Encaminhamentos

Benveniste nos leva a concluir que os processos referenciais comportam uma dêixis própria, que se realiza e regula na enunciação, isto é, há implicação do enunciador na construção da referência no discurso. Em outras palavras, sua teoria permite propor uma dimensão dêitica na referência decorrente da implicação da subjetividade na linguagem.

Bakhtin destaca que o processo de “tramitação do mundo em matéria significante” se dá pelo processo de refração (FARACO, 2003, p. 49), que implica levar em conta a diversidade da experiência histórica dos sujeitos, constituídos num complexo de vozes socialmente valoradas.

Fazendo dialogar Benveniste e Bakhtin, concluimos que através dos objetos nomeados no discurso, o sujeito exprime um ponto de vista, constituído em meio a posições heterogêneas, até mesmo adversas, situadas por sua enunciação no espaço e no tempo, mas que são, antes de mais nada, tomadas de posição no campo de batalha do

discurso. É, então, na imensa diversidade de vozes e de suas relações dialógicas que emerge a subjetividade. As formas de nomeação do referente podem ser vistas como indicadoras da subjetividade no discurso.

4 PARA ALÉM DOS MUROS, A VIDA GRITA

4.1 Das razões de escolha do objeto de análise

Por que escolhemos cartas de Caio Fernando Abreu como material de observação da representação subjetiva que advém da construção de referência no discurso?

Recentemente, o mercado editorial demonstrou interesse pela produção massiva de intelectuais brasileiros, publicando diversas obras com cartas trocadas entre os autores e seus amigos, familiares e artistas. Identificada como “escrita de mulheres” (LEAHY-DIOS, 2002, p. 43), as cartas, diários e autobiografias foram, durante muito tempo, isolados como gênero literário menor. Porém, decorridas décadas, eis que surgem como fator de compreensão da história literária de autores de grandeza nacional. A carta possibilita ao leitor acesso aos pensamentos e motivações do sujeito que enuncia, que faz uma representação de si mesmo, à medida que vive, o que permite a reconstrução de uma visão de mundo em contexto. Silviano Santiago, em entrevista à Zero Hora (2003), comenta que “As cartas são documentos culturais indispensáveis e extraordinários”. E afirma: “Estamos mais do que nunca interessados nesses processos de subjetivação”. Julgamos poder encontrar nas cartas que tomamos como objeto de estudo uma amostra significativa de processos de subjetivação diante dos impasses da contemporaneidade.

Dentre o conjunto de cartas de Caio Fernando Abreu que se encontram publicadas, há as que são dirigidas a leitores de jornal, sem propriamente um interlocutor definido, e as de natureza familiar, dirigidas a um destinatário declarado (amigos, pessoas da família). O primeiro conjunto constitui-se de três cartas publicadas originalmente no jornal *O Estado de São Paulo* e, posteriormente, em *Pequenas Epifanias*, livro de crônicas organizadas por Gil França Veloso (1996). Tais cartas apresentam as primeiras revelações contundentes do assumido portador de HIV+. O segundo conjunto constitui-se de cartas escritas entre 1994 e 1996, envolvendo diversos destinatários, que se encontram no livro de 534 páginas - *Caio Fernando Abreu: Cartas*,

organizado por Ítalo Moriconi e publicado em 2002. São cartas que versam sobre temas como a edição de livros, o trabalho de escrita, descrições do cotidiano, observações sobre comportamentos e sentimentos do ser humano em confronto direto com a morte, entre outros. Optamos por dirigir nossa atenção para três cartas publicadas no Estado de São Paulo, entre agosto e setembro de 1994, que tem a AIDS como tema central, por razões que expomos na seqüência.

4.2 Constituição do material de investigação

O material de investigação, como já dito, são cartas de Caio Fernando Abreu escritas no ano de 1994, que foram retiradas da obra *Pequenas Epifanias* (1996), de Gil França Veloso. Delimitamos nossa investigação três cartas dirigidas aos leitores do jornal *O Estado de São Paulo*, por se tratarem, como já afirmamos, de cartas escritas quando da descoberta do HIV+ que trazem as primeiras emoções, o contato com as conseqüências da imunodeficiência, sua condição de enfermo e o espectro da morte anunciada.

As cartas, datadas de 21/08/1994, 04/09/1994 e 18/09/1994, são intituladas:

- *Primeira carta para além do muro;*
- *Segunda carta para além dos muros;*
- *Última carta para além dos muros.*

4.3 Da construção dêitica da referência

Conforme já estabelecemos no início, este trabalho parte do pressuposto de que há uma dimensão dêitica no processo de atribuição de referência no discurso, uma vez que, de acordo com o que Benveniste apresenta em “O aparelho formal da enunciação” (1989), a não-pessoa está submetida à enunciação. Dito de outro modo, como a palavra emana do *eu*, que, ao enunciar, constitui também *tu-aqui-agora*, e a não-

pessoa, na língua em uso, é expressão de uma idéia que diz do sujeito e da situação enunciativa. Não há, sob essa perspectiva, relação de correspondência entre linguagem e mundo. O “mundo” se manifesta pelo dizer, submetido a *eu-tu-aqui-agora*. Sendo assim, o dizer está impregnado pela enunciação, independentemente de estarmos na presença dos chamados indicadores da subjetividade na linguagem ou de qualquer outro signo.

Recorremos a Bakhtin para definir o sujeito como constituído na interação viva com vozes sociais em concorrência/conflito. Se a referência encontra-se remetida ao eu, que se constitui como sujeito numa atmosfera dialógica, ela se encontra mediada pelos acentos apreciativos traduzidos pela entoação expressiva pela qual o sujeito se inscreve em seu discurso. A realidade é, então, refratada pela linguagem, isto é, construída pelos sujeitos em meio às ações e relações que ocorrem nas práticas sociais.

A partir dessas colocações, passamos a delinear os caminhos da análise do *corpus* desta pesquisa.

4.3.1 Encaminhamento da análise

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (s.d.), não se pode captar o ato de enunciação em si mesmo, dada sua fugacidade. Pode-se, sim, identificar e descrever as marcas do ato no produto, o enunciado, considerando-se os fatos enunciativos como as projeções da enunciação (pessoa, espaço e tempo) no enunciado.

O ato de conversão da língua em discurso pressupõe um *eu* que se dirige a um *tu* para falar de *ele* (o ausente, a não-pessoa). Além disso, é responsável pela instauração da noção de espaço-tempo, isto é, a enunciação cria um *aqui-agora*.

Com base no exposto, em cada carta, vamos buscar situar os constituintes do ato de enunciação no *aqui-agora* que ele instaura (o quadro da enunciação). Particularmente, nos detemos a observar como a não-pessoa passa da língua a enunciação por intermédio do sujeito. Para tanto, num primeiro momento, olhamos as inter-relações que se estabelecem no enunciado para a expressão de uma idéia singular que tem a instância de discurso como parâmetro. É nessa organização que o sentido

emerge, proveniente das influências que as palavras agenciadas por *eu-tu* exercem umas em relação às outras.

O segundo movimento da análise toma as três cartas em conjunto, no intuito de observar deslizamentos de sentido relativos à *não-pessoa*²⁰ de uma carta para a outra, bem como vestígios de vozes sociais que aí se deixam ver e, entre as quais, o sujeito enunciador deixa ouvir sua entoação expressiva.

Em suma, o objetivo geral da análise é mostrar como o enunciador subjetiva a experiência de descobrir-se com a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS). Para alcançá-lo, dividimos a análise em dois momentos. No primeiro, procuramos:

- identificar, em cada carta, o quadro da enunciação (eu-tu-aqui-agora);
- observar, em cada carta, como a *não-pessoa* se materializa, a partir do agenciamento de palavras da língua na instância particular de discurso (eu-tu-aqui-agora).

No segundo momento, buscamos:

- indicar possíveis deslizamentos de sentidos da *não-pessoa* ao longo das cartas;
- apontar para as diferentes vozes que tecem a voz do enunciador ao longo das cartas.

É preciso ainda dizer que o sujeito de que falamos é tomado como ser de discurso, cuja representação pode ser feita através de marcas lingüísticas deixadas no enunciado. Não está em questão a figura do autor, Caio Fernando Abreu, enquanto ser do mundo. Trata-se do sujeito que enuncia, assumindo-se como *eu*, a quem nos referimos como sujeito enunciador (SE).

²⁰ Sempre que falarmos de “*não-pessoa*” estamos nos referindo ao tema do discurso, construído a partir de sentidos que *eu* atribui às palavras da língua para a expressão de sua voz.

4.3.2 Primeira carta para além dos muros

1 Alguna coisa aconteceu comigo. Alguma coisa tão estranha que ainda não
2 aprendi o jeito de falar claramente sobre ela. Quando souber finalmente o que foi, essa
3 coisa estranha, saberei também esse jeito. Então serei claro, prometo. Para você, para
4 mim mesmo. Como sempre tentei ser. Mas por enquanto, e por favor, tente entender o
5 que tento dizer.

6 É com terrível esforço que te escrevo. E isso agora não é mais apenas uma
7 maneira literária de dizer que escrever significa mexer com funduras - como Clarice,
8 feito Pessoa. Em Carson McCullers dóia fisicamente, no corpo feito de carne e veias e
9 músculos. Pois é no corpo que escrever me dói agora. Nestas duas mãos que você não
10 vê sobre o teclado, com suas veias inchadas, feridas, cheias de fios e tubos plásticos
11 ligados a agulhas enfiadas nas veias para dentro das quais escorrem líquidos que,
12 dizem, vão me salvar. Dói muito, mas eu não vou parar. A minha não-desistência é o
13 que de melhor posso oferecer a você e a mim neste momento. Pois isso, saiba, isso
14 que poderá me matar, eu sei, é a única coisa que poderá me salvar. Um dia
15 entenderemos talvez.

16 Por enquanto, ainda estou um pouco dentro daquela coisa estranha que me
17 aconteceu. É tão impreciso chamá-la assim, a Coisa Estranha. Mas o que teria sido?
18 Uma turvação, uma vertigem. Uma voragem, gosto dessa palavra que gira como um
19 labirinto vivo, arrastando pensamentos e ações nos seus círculos cada vez mais
20 velozes, concêntricos, elípticos. Foi algo assim que aconteceu na minha mente, sem
21 que eu tivesse controle algum sobre o final magnético dos círculos içando o início
22 de outros para que tudo recomeçasse. Todos foram discretos, depois, e eu também
23 não fiz muitas perguntas, igualmente discreto. Devo ter gritado, e falado coisas apa-
24 rentemente sem sentido, e jogado coisas para todos os lados, talvez batido em
25 pessoas.

26 Disso que me aconteceu, lembro só de fragmentos tão descontínuos que. Que –
27 não há nada depois desse *que* dos fragmentos - descontínuos. Mas havia a maca de
28 metal com ganchos que se fechavam feito garras em torno do corpo da pessoa, e
29 meus dois pulsos amarrados com força nesses ganchos metálicos. Eu tinha os pés nus
30 na madrugada fria, eu gritava por meias, pelo amor de Deus, por tudo que é mais
31 sagrado, eu queria um par de meias para cobrir meus pés. Embora amarrado como
32 um bicho na maca de metal, eu queria proteger meus pés. Houve depois a máquina
33 redonda feita uma nave espacial onde enfiaram meu cérebro para ver tudo que se
34 passava dentro dele. E viram, mas não me disseram nada.

35 Agora vejo construções brancas e frias além das grades deste lugar onde me
36 encontro. Não sei o que virá depois deste agora que é um momento após a Coisa
37 Estranha, a turvação que desabou sobre mim. Sei que você não compreende o que
38 digo, mas compreenda que eu também não compreendo. Minha única preocupação é
39 conseguir escrever estas palavras - e elas doem, uma por uma - para depois passá-las,
40 disfarçando, para o bolso de um desses que costumam vir no meio da tarde. E que
41 são doces, com suas maçãs, suas revistas. Acho que serão capazes de levar esta carta
42 até depois dos muros que vejo a separar as grades de onde estou daquelas
43 construções brancas, frias. Tenho medo é desses outros que querem abrir minhas

44 veias. Talvez não sejam maus, talvez eu apenas não tenha compreendido ainda a
 45 maneira como eles são, a maneira como tudo é ou tornou-se, inclusive eu mesmo,
 46 depois da imensa Turvação. A única coisa que posso fazer é escrever - essa é a
 47 certeza que te envio, se conseguir passar esta carta para além dos muros. Escuta bem,
 48 vou repetir no teu ouvido, muitas vezes: a única coisa que posso fazer é escrever, a
 49 única coisa que posso fazer é escrever.

O Estado de S. Paulo, 21/08/94.

Nessa primeira carta, *eu* dirige-se a um *você* que não pode ser reduzido ao leitor do *Estado de São Paulo*, embora seja esse o ponto de ancoragem mais evidente para a determinação de seu escopo. Esse “você” não tem contornos definidos, designando, a nosso ver, uma instância chamada a assegurar a presença de *eu*, já que, como afirma Dufour²¹ (2000, p. 55), “não há outros meios de estar presente a não ser assinalando-se ao outro”. Para instituir-se como *eu*, para experimentar-se como sujeito, é necessário que um outro (tu/você) seja afirmado como co-presente. O homem se dá conta de sua própria presença e do fato de viver, falando.

Vale destacar que o discurso escrito é igualmente dialógico, segundo Bakhtin/Volochinov (1981, p. 123), pois se orienta em função do outro, responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais. Em dois momentos, SE fala do “escrever”. Nas linhas 6 a 9, é um “escrever” que dói no corpo, que transcende a “maneira literária de dizer que “escrever é mexer com funduras”. Nas linhas 43 a 46, escrever é “a única coisa que posso fazer”.

Em resumo, pela escrita, SE se coloca em relação com outros pelo fato de poder dirigir-lhe a palavra. Escrever implica o outro interlocutor (tu-você). O que está em jogo quando *eu* dirige-se a *tu/você* é a própria existência de *eu*. “Basta que o outro faça obstáculo ao meu proferir para que este se esvazie, de imediato, de substância” (Dufour, 2000, p. 79) e *eu* veja anulada a própria condição de ocupar um espaço simbólico.

Dizer “eu” a “você” define um “aqui-agora”, isto é, um ponto no tempo e no espaço a partir do qual pode ser falado o mundo, a *não-pessoa*. É um “aqui-agora” de

²¹ Dany-Robert Dufour é um filósofo francês que, na obra “Os mistérios da trindade” (2000), promove uma interpretação da teoria de Benveniste para além do âmbito estritamente linguístico. Para o filósofo, Benveniste foi um dos raros a empreender uma descrição sistemática do singular dispositivo pelo qual a língua é posta em ato.

angústia e medo, “fios e tubos plásticos ligados a agulhas enfiadas nas veias” que emerge na fala de *eu*.

Sob a designação de “Alguma coisa” introduz-se a não-pessoa no espaço dual da fala de eu-você. A cadeia referencial desse objeto indefinido, com suas diferentes figurações, vai mostrando a forma assumida pelo “ele” ao longo da carta, conforme procuramos mostrar a seguir.

Alguma coisa aconteceu comigo. (1.1);

Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar sobre ela (1.1-2)

Essa coisa estranha... (1.3)

O termo “coisa” serve para designar qualquer elemento ou fato para o qual não se sabe dar um nome apropriado. A expansão do substantivo “coisa” pelo pronome indefinido “alguma” e pelo adjetivo “estranha” acentua o grau de imprecisão em que esse “ele” se apresenta ao *eu*. Vale lembrar também que “estranho” pertence à categoria do assustador, do angustiante, do que provoca medo e horror, exatamente, por sair da esfera do conhecido ou familiar.

Mais adiante, algumas especificações são trazidas, ainda que não sejam suficientes para precisar a natureza da “coisa estranha” que está acontecendo a *eu*.

...isso que poderá me matar... (1.13)

...é a única coisa que poderá me salvar. (1.14)

O pronome resumitivo “isso” está no lugar de “Alguma coisa tão estranha que ainda não aprendi o jeito de falar sobre ela”, vindo acompanhado pela oração restritiva: “que poderá me matar”. A seguir, predica-se que “isso” é “a única coisa que poderá me salvar”. Essa alguma coisa estranha tem uma função ambivalente e paradoxal projetada para o futuro: matar e salvar.

Na linha 16, a expressão indefinida “alguma coisa estranha” cede lugar a “(d) aquela coisa estranha que me aconteceu”, anafórico que faz referência às ocorrências anteriores de “alguma coisa estranha”, trazendo-a para o campo do já conhecido.

A seguir, o substantivo comum “coisa estranha” ganha estatuto de substantivo próprio, aparecendo em letras maiúsculas.

É tão impreciso chamá-la assim, a Coisa Estranha. (1.17)

O nome próprio designa diretamente seu referente, mas nada diz a respeito de suas características. Para que haja nome próprio, é necessário que, em um dado momento, esse nome tenha sido atribuído pelas pessoas a um determinado referente, que tenha ocorrido o que certos filósofos da linguagem chamam de “ato de batismo” (Maingueneau, 2002, p. 183). Acreditamos que ao dar estatuto de nome próprio à coisa estranha, SE destaca-a de um conjunto de objetos que reúnem características inerentes a uma dada classe. A “Coisa Estranha que está acontecendo” a ele é individualizada. Não se confunde mais com uma pluralidade de objetos/coisas estranhas.

Logo a seguir, a Coisa Estranha é predicada como “uma turvação”, “uma vertigem”, “uma voragem” (linha 17-8). Essas escolhas lexicais trazem novas nuances ao referente, acentuando-lhe o caráter ameaçador. É algo da ordem da obscuridade, que coloca SE em estado de desvario; é algo devorador.

No trecho que vem a seguir, é feito um recuo no tempo enunciativo, marcado pelo uso dos pretéritos perfeito e imperfeito (linhas 19 a 34). Um outro referente é introduzido: o que aconteceu na mente de SE a partir da possibilidade de uma “coisa estranha” estar se apresentando a ele, ou seja, sua reação diante da Coisa Estranha.

Foi algo assim que aconteceu na minha mente, sem que eu tivesse controle algum sobre o final magnético dos círculos içando o início de outros para que tudo recomeçasse. Todos foram discretos, depois, e eu também não fiz muitas perguntas, igualmente discreto. Devo ter gritado, e falado coisas aparentemente sem sentido, e jogado coisas para todos os lados, talvez batido em pessoas.

“Algo assim” expressa uma comparação em que um dos elementos, ainda que não explícito, é recuperável. SE, a quem alguma coisa estranha aconteceu, encontra no trio turvação/vertigem/voragem um parâmetro para falar do que se passou em sua mente (algo assim como uma turvação/vertigem/voragem). O verbo modal “devo” coloca as reações descritas a partir da percepção dessa coisa estranha no terreno da probabilidade, reforçada pelo uso de “talvez”. O poder da Coisa Estranha sobre *eu* começa a se desenhar, assim como a reação de descontrole diante desse “estranho” ameaçador.

Em seguida, a partir de “(D) isso que me aconteceu” (linha 26), expressão pela qual “coisa estranha” é retomada, fragmentos descontínuos de memória são evocados (linhas 26 e 27). Nessa evocação, imagens dramáticas de intervenção de outrem no próprio corpo são trazidas por SE.

Mas havia a maca de metal com ganchos que se fechavam feito garras em torno do corpo da pessoa, e meus dois pulsos amarrados com força nesses ganchos metálicos. Eu tinha os pés nus na madrugada fria, eu gritava por meias, pelo amor de Deus, por tudo que é mais sagrado, eu queria um par de meias para cobrir meus pés. Embora amarrado como um bicho na maca de metal, eu queria proteger meus pés.

Expressões pertencentes ao campo semântico hospitalar (maca de metal) mesclam-se com elementos típicos de lugares destinados a tortura (ganchos que se fechavam feito garras; pulsos amarrados com força).

O executante dessas ações aterrorizantes é designado por um “eles” elíptico (linhas 32 a 34).

Houve depois a máquina redonda feita uma nave espacial onde [eles] enfiaram meu cérebro para ver tudo que se passava dentro dele. E [eles] viram, mas [eles] não me disseram nada.

Diferentemente do pronome “eles” habitual, que remete a um antecedente explícito no co-texto, esse “eles” remete a uma pluralidade de indivíduos indeterminados (MAINGUENEAU, 2001, p. 136). A coletividade designada por “eles” não se confunde com o gênero humano, sendo identificável somente a partir de inferências autorizadas pelos campos semânticos imbricados nesse trecho (hospital/sala de tortura). Pelo co-texto, é possível entender que o pronome “eles” refere-se a um conjunto de médicos e técnicos, pois itens lexicais como “maca” “máquina redonda feita uma nave espacial” designam elementos próprios à área de atuação desses profissionais. Mas esse conjunto “eles” inclui também torturadores, que agem de forma invasiva sobre o corpo de *eu-bicho na maca de metal*. Nesses fragmentos de memória, SE confunde as figuras de agentes da saúde com as de agentes do mal, e emerge sob a forma do desamparo, bem atestada na necessidade imperiosa de proteger os pés do frio.

Em momento anterior (linhas 12 e 13), há menção a esse “eles” difuso que atua sobre o corpo de SE, deixando como resultado de sua ação “veias inchadas, feridas, cheias de fios e tubos plásticos ligados a agulhas enfiadas nas veias para dentro das quais escorriam líquidos que, dizem [eles], vão me salvar”. A mistura médico/torturador já está aqui anunciada. Além disso, o verbo “dizem” (linha 12) mostra que SE coloca em dúvida a eficácia desses procedimentos para sua “salvação”, condenando ao descrédito o dizer de “eles-médicos-torturadores”.

O advérbio “Agora” (linha 35) assinala o fim do recuo no tempo, que deu lugar ao relato de fragmentos descontínuos e imprecisos de memória de um *eu* confrontado a uma Coisa Estranha que a ele se impõe. O “agora” é localizado como “um momento após a Coisa Estranha, a turvação que desabou” sobre SE (linhas 36 e 37). O verbo *desabar*, que significa *precipitar-se, desmoronar, ruir, desencadear, cair com violência* (Borba, 2002, p. 461), dá a medida dos efeitos da Coisa Estranha sobre SE. Um desabamento, geralmente, pega as pessoas de surpresa e resulta em sofrimento e desordem, o que facilmente leva ao desvario assinalado nas linhas 23 e 25.

Nas linhas 40 e 41, duas novas *não-pessoa* são evocadas: os que costumam vir no meio da tarde “com suas maçãs, suas revistas” e os muros para além dos quais a carta deve ser levada. Novamente temos um “eles” que remete ao coletivo (os que costumam vir no meio da tarde), cujo referente é facilmente identificável pela natureza do que trazem “maçãs” e “revistas” e pelo horário em que chegam, “no meio da tarde”. São os visitantes, amigos e familiares, adjetivados como “doces”, não pertencentes, portanto, ao conjunto *profissionais da saúde-torturadores* antes referido.

A presença dos “muros” é anunciada (linha 42), sem maiores especificações. Sabe-se que é um lugar que separa as grades de onde está o sujeito “daquelas construções brancas, frias”. As palavras “grades” e “muros” trazem idéia de aprisionamento, o que torna mais dramática a situação vivida por SE, confinado, impedido de circular.

A seguir, há nova referência a seres invasivos (eles), agora nomeados como “(d) esses outros que querem abrir minhas veias” (linha 43).

Tenho medo é desses outros que querem abrir minhas veias. Talvez não sejam maus, talvez eu apenas não tenha compreendido ainda a maneira como eles são, a maneira como tudo é ou tornou-se, inclusive eu mesmo, depois da imensa Turvação.

Nesse momento, “depois da imensa Turvação”, SE começa a colocar em dúvida a representação desses agentes como seres do mal (“Talvez não sejam maus”, linhas 44-45). Depois do primeiro impacto, SE mostra-se predisposto a tentar compreender melhor o modo como “eles” são. Parece começar a diluir-se a figura do

torturador, até então mesclada à do cuidador. Prenuncia-se um movimento de resignação diante daquilo, a Coisa Estranha, que não tem como ser mudado.

4.3.3 Segunda carta para além dos muros

1 No caminho do inferno encontrei tantos anjos. Bandos, revoadas, falanges.
2 Gordos querubins barrocos com as bundinhas de fora; serafins agudos de rosto pálido
3 e asas de cetim; arcanjos severos, a espada em riste para enfrentar o mal. Que no
4 caminho do inferno encontrei, naturalmente, também demônios. E a hierarquia inteira
5 dos servidores celestes armada contra eles. Armas do bem, armas da luz: no pasarán!

6 Nem tão celestiais assim, esses anjos. Os da manhã usam uniforme branco,
7 máscaras, toucas, luvas contra infecções, e há também os que carregam vassouras,
8 baldes com desinfetantes. Recolhem as asas e esfregam o chão, trocam lençóis,
9 servem café, enquanto outros medem pressão, temperatura, auscultam peito e ventre.
10 Já os anjos debochados do meio da tarde vestem jeans, couro negro, descoloriram os
11 cabelos, trazem doces, jornais, meias limpas, fitas de Renato Russo celebrando a
12 vitória de Stonewall, notícias da noite (onde todos os anjos são pardos), recados de
13 outros anjos que não puderam vir por rebordosa, preguiça ou desnecessidade
14 amorosa de evidenciar amor.

15 E quando sozinho, depois, tentando ver os púrpuras do crepúsculo além dos
16 ciprestes do cemitério atrás dos muros - mas o ângulo não favorece, e contemplo
17 então a fúria dos viadutos e de qualquer maneira, feio ou belo, tudo se equivale em
18 vida e movimento - abro janelas para os anjos eletrônicos da noite. Chegam através
19 de antenas, fones, pilhas, fios. Parecem-se às vezes com Cláudia Abreu (as duas,
20 minha brava irmã e a atriz de Gilberto Braga), mas podem ter a voz caidaça de
21 Billie Holiday perdida numa FM ou os vincos cada vez mais fundos ao lado da
22 boca amarga de José Mayer. Homens, mulheres, você sabe, anjos nunca tiveram
23 sexo. E alguns trabalham na TV, cantam no rádio. Noite alta, meio farto de asas
24 ruflando, liras, rendas e clarins, despenco no sono plástico dos tubos enfiados em
25 meu peito. E ainda assim eles insistem, chegados desse Outro Lado de Todas as
26 Coisas. Reconheço um por um. Contra o fundo blue de Derek Jarman, ao som
27 de uma canção de Freddy Mercury, coreografados por Nureiev, identifico os
28 passos bailarinos-nó de Paulo Yutaka. Com Galizia, Alex Vallauri espia rindo atrás
29 da Rainha do Frango Assado e ah como quero abraçar Vicente Pereira, e outro Santo
30 Daimé com Strazzer e mais uma viagem ao Rio com Nelson Pujol Yamamoto.
31 Wagner Serra pedala bicicleta ao lado de Cyrill Collard, enquanto Wilson Barros
32 esbraveja contra Peter Greenaway, apoiado por Nélon Perlongher. Ao som de Lóri
33 Finokiario, Hervé Guibert continua sua interminável carta para o amigo que não lhe
34 salvou a vida. Reinaldo Arenas passa a mão devagar em seus cabelos claros. Tantos,
35 meu Deus, os que se foram. Acordo com a voz safada de Cazuza repetindo em minha
36 orelha fria: "Quem tem um sonho não dança, meu amor".

37 Eu desperto, e digo sim. E tudo recomeça. Às vezes penso que todos eles
38 parecem vindos das margens do rio Narmada, por onde andaram o menino cego can-

39 tor, a mulher mais feia da Índia e o monge endinheirado de Gita Mehta²². Às vezes
 40 penso que todos são cachorros com crachás nos dentes, patas dianteiras furadas por
 41 brasas de cigarro para dançar melhor, feito o conto que Lygia²³ Fagundes Telles
 42 mandou. E penso junto, sem relação aparente com o que vou dizendo: sempre que
 43 vejo ou leio Lygia, fico estarecido de beleza.

44 Pois repito, aquilo que eu supunha fosse o caminho do inferno está juncado de
 45 anjos. Aquilo que suja treva parecia guarda seu fio de luz. Nesse fio estreito, esticado
 47 feito corda bamba, nos equilibramos todos. Sombrinha erguida bem alto pé ante pé,
 47 bailarinos destemidos do fim deste milênio pairando sobre o abismo. Lá embaixo,
 48 uma rede de asas ampara nossa queda.

O Estado de S. Paulo, 04/09/94.

Na segunda carta, a *não-pessoa* se materializa, de início, como anjos e demônios, encontrados pelo sujeito no “caminho do inferno” em que ingressou por força da Coisa Estranha. Os demônios ficam em segundo plano, já que “naturalmente” esperados quando se trata de inferno. SE quer focalizar os anjos, esses “Gordos querubins barrocos com as bundinhas de fora; serafins agudos de rosto pálido e asas de cetim; arcanjos severos, a espada em riste para enfrentar o mal” (linhas 1 a 3).

São anjos “nem tão celestiais assim”, apresentados ao leitor a partir de características e ações, que deixam entrever que correspondem às diversas categorias de seres que o estão ajudando a encarar o “caminho do inferno”: médicos, enfermeiras, auxiliares, parentes e amigos; cantores, atores, artistas em geral, alguns vivos, outros, mortos. Tais anjos carregam dos anjos bíblicos apenas o caráter de proteger o outro, defendê-lo contra o mal, pois, como já dito, não são necessariamente virtuosos nem dotados de perfeição.

Nas linhas 6 a 14, os anjos são profissionais que atuam em hospital, desde médicos e enfermeiras ao pessoal da limpeza e da hotelaria. Amigos e familiares

22 Ainda pouco conhecida no Brasil, Gita Metha tornou-se uma autora de renome nos Estados Unidos e na Europa, sobretudo pela extrema sensibilidade com que traduz o mundo exuberante, complexo e milenar da cultura indiana em narrativas cristalinas, repletas de uma sabedoria sempre atual. Em 'O monge endinheirado', a mulher do bandido e outras histórias de um rio indiano, um burocrata quer se tornar um vanaprasthi, alguém que se retira do mundo para meditar, assumindo um cargo num albergue do governo às margens do rio Narmada, lugar sagrado que atrai hinduístas, jainistas, muçulmanos e sufistas, aos quais se somam mendigos, sábios, ascetas, loucos, músicos e professores, de todas as partes do país. Com esses personagens, Gita Metha compõe um painel de histórias que se enlaçam umas às outras, numa belíssima sondagem dos ásperos caminhos que o homem precisa percorrer até encontrar seu destino. 'O monge endinheirado' possui uma rara beleza; é uma pequena obra-prima que comove a cada página.

²³ O crachá nos dentes, p. 244 (2004).

aparecem sob a categorização de “anjos debochados do meio da tarde”; vestem jeans, couro negro, descolorem os cabelos, trazem doces, jornais, meias limpas, fitas de Renato Russo, notícias da noite, recados de outros anjos. Os anjos do segundo grupo, marcados pela irreverência e a descontração, são decisivos para que SE reencontre a força necessária para seguir rumo ao inferno.

Percebe-se, nessa carta, uma leveza inexistente na carta anterior e até mesmo um tom irônico, bem-humorado, particularmente, quando o sujeito define seus anjos como “nem tão celestiais assim” (linha 6); quando comenta que de noite “todos os anjos são pardos”, fazendo um trocadilho com o provérbio “de noite, todos os gatos são pardos”; quando apresenta motivos que justificariam a ausência dos *anjos que mandam recados*: “rebordosa, preguiça ou desnecessidade amorosa de evidenciar amor” (linha 13 e 14).

Nas linhas 14 a 22, uma nova categoria de anjos é trazida, “os anjos eletrônicos da noite”, que chegam “através de antenas, fones, pilhas, fios”. São os astros das novelas globais (Cláudia Abreu, José Mayer); são as divas da música norte-americana (Billie Holiday). Na linha 23, outra referência irônica é feita: “você sabe, anjos nunca tiveram sexo”.

Ao despencar no que denomina de *sono plástico* (linha 25), resultado da medicação, os anjos não o abandonam. É a hora dos que são *chegados do Outro Lado de Todas as Coisas* (linha 26). Seguem-se nomes de personalidades do mundo artístico (ou não), nacionais ou internacionais, celebridades ou nem tão conhecidas, mas, ao que tudo indica, com um destino comum: terem sido vítimas de HIV +, a Coisa Estranha que, agora, mais claramente se deixa ver.

A citação de um verso de Cazuza é reveladora do modo como o SE subjetiva sua experiência dolorosa nesta segunda carta: “Quem tem um sonho não dança, meu amor”. Sonhar é estar diante de outro lugar possível e, de certo modo, pressupõe não desistir de projetos e esperanças. O verbo “dançar” aqui é usado no sentido de “se dar mal”. Mesmo no caminho do inferno, SE revela-se disposto a não abdicar da possibilidade de instituir outras formas de expressividade.

A afirmação “Eu desperto, e digo sim” (linha 38) reafirma o estado de alegria e esperança em que se encontra SE, mesmo que, ao acordar, tudo recomeça, em

que o pronome “tudo” perde o caráter indefinido, podendo ser compreendido como a rotina que um enfermo enfrenta quando internado num hospital.

Mais adiante, nas linhas 39 a 44, SE divaga sobre seus anjos, imaginando-os “vindos do rio Narmada²⁴” (linha 39), rio que possui propriedades sagradas, o que atrai todos os tipos de pessoas para suas águas e rituais indianos. Aproxima-os de “cachorros com crachás nos dentes, patas dianteiras furadas por brasas de cigarro para dançar melhor”, numa referência a um conto de Lygia Fagundes Telles.

Finalmente, a experiência, que SE julgou ser “o caminho do inferno”, está juncada de anjos. “Aquilo que suja treva parecia, guarda seu fio de luz” (linha 45) e o aproxima de pessoas com quem pode dividir a dor da existência. Constatar que a experiência da morte não é individual e, sim, de todos os seres vivos, coloca-o como os demais humanos: nesse fio estreito, esticado feito corda bamba em que nos equilibramos todos. “Sombrinha erguida bem alto pé ante pé, bailarinos destemidos do fim deste milênio pairando sobre o abismo” (linhas 47 a 49). *Eu-bailarino-como-todos-os-humanos* acredita que, finda a vida do corpo, algo como “uma rede de asas ampara nossa queda, lá embaixo” (linha 49) após a morte e se anima a prosseguir.

4.3.4 Última carta para além dos muros

1 Porto Alegre - Imagino que você tenha achado as duas cartas anteriores obscuras,
2 enigmáticas como aquelas dos almanaques de antigamente. Gosto sempre do mistério,
3 mas gosto mais da verdade. E por achar que esta lhe é superior te escrevo agora assim,
4 mais claramente. Não vejo nenhuma razão para esconder. Nem sinto culpa, vergonha
5 ou medo.

6 Voltei da Europa em junho me sentindo doente. Febres, suores, perda de peso,
7 manchas na pele. Procurei um médico e, à revelia dele, fiz O Teste. Aquele. Depois de
8 uma semana de espera agoniada, o resultado: HIV positivo. O médico viajara para
9 Yokohama, Japão. O teste na mão, fiquei três dias bem natural, comunicando à
10 família, aos amigos. Na terceira noite, amigos em casa, me sentindo seguro - enlou-
11 queci. Não sei detalhes. Por autoproteção, talvez, não lembro. Fui levado para o
12 Pronto Socorro do Hospital Emílio Ribas com a suspeita de um tumor no cérebro.
13 No dia seguinte, acordei de um sono drogado num leito da enfermaria de in-

²⁴ O Narmada é um dos maiores rios da Índia; possui mais de 3 mil represas que estão sendo construídas ao longo de seu percurso. As águas do rio Narmada proporcionam às pessoas banhos sagrados.

14 fectologia, com minha irmã entrando no quarto. Depois, foram 27 dias habitados por
 15 sustos e anjos - médicos, enfermeiras, amigos, família, sem falar nos próprios - e
 16 uma corrente tão forte de amor e energia que amor e energia brotaram de dentro de
 17 mim até tornarem-se uma coisa só. O de dentro e o de fora unidos em pura fé.

18 A vida me dava pena, e eu não sabia que o corpo ("meu irmão burro", dizia São
 19 Francisco de Assis) podia ser tão frágil e sentir tanta dor. Certas manhãs chorei,
 20 olhando através da janela os muros brancos do cemitério no outro lado da rua. Mas à
 21 noite, quando os néons acendiam, de certo ângulo a Dr. Arnaldo parecia o
 22 Boulevard Voltaire, em Paris, onde vive um anjo surfista que vela por mim. Tudo
 23 parecia em ordem, então. Sem rancor nem revolta, só aquela imensa pena de Coisa
 24 Vida dentro e fora das janelas, bela e fugaz feito as borboletas que duram só um dia
 25 depois do casulo. Pois há um casulo rompendo-se lento, casca seca abandonada.
 26 Após, o vôo de Ícaro perseguindo Apolo. E a queda?

27 Aceito todo dia. Conto para você porque não sei ser senão pessoal, impudico, e
 28 sendo assim preciso te dizer: mudei, embora continue o mesmo. Sei que você
 29 compreende. Sei também que, para os outros, esse vírus de *science fiction* só dá em
 30 gente maldita. Para esses, lembra Cazusa: "Vamos pedir piedade, Senhor, piedade
 31 pra essa gente careta e covarde". Mas para você, revelo humilde: o que importa é a
 32 Senhora Dona Vida, coberta de ouro e prata e sangue e musgo do Tempo e creme
 33 chantilly às vezes e confetes de algum carnaval, descobrindo pouco a pouco seu
 34 rosto horrendo e deslumbrante. Precisamos suportar. E beijá-la na boca. De alguma
 35 forma absurda, nunca estive tão bem. Armado com as armas de Jorge. Os muros
 36 continuam brancos, mas agora são de um sobrado colonial espanhol que me faz
 37 pensar em Garcia Lorca; o portão pode ser aberto a qualquer hora para entrar ou sair;
 38 há uma palmeira, rosas cor-de-rosa no jardim. Chama-se Menino Deus este lugar
 39 cantado por Caetano, e eu sempre soube que era aqui o porto. Nunca se sabe até que
 40 ponto seguro, mas - para lembrar Ana C., que me deteve à beira da janela - como não
 41 se pode ancorar um navio no espaço, ancora-se neste porto. Alegre ou não: ave Lya
 42 Luft, ave Iberê, Quintana e Luciano Alabarse, chê.

43 Vejo Dercy Gonçalves, na Hebe, assisto A falecida de Gabriel Villela no Teatro
 44 São Pedro; Maria Padilha conta histórias inéditas de Vicente Pereira; divido sushis
 45 com a bivariana Yolanda Cardoso; rezo por Cuba; ouço Bola de Neve; gargalho com
 46 Déa Martins; desenho a quatro mãos com Laurinha; leio Zuenir Ventura para
 47 entender o Rio; uso a estrela do PT no peito (Who Knows?); abro o I Ching ao
 48 acaso: Shêng, a Ascensão; não perco Éramos Seis e agradeço, agradeço, agradeço.

49 A vida grita. E a luta, continua.

O Estado de S. Paulo, 18/09/94.

Esta não é a terceira carta, mas a última. Ao ser assim designada, assume o estatuto daquela que vem colocar um ponto final em uma série. É a carta derradeira. Nela o mistério e a obscuridade dão lugar à verdade e à clareza. A diferença em relação às outras coloca-se desde o início. Esta última carta indica, de saída, sua localização

espacial: Porto Alegre. É daí que o *eu* fala a *tu/você* sobre *ela* – a Coisa Estranha – sem culpa, vergonha ou medo.

Começamos pelas negações da linha 4: “Não vejo nenhuma razão para esconder. Nem sinto culpa, vergonha ou medo”, que vemos como exemplos de negação polêmica, de acordo com Ducrot (1987). Em sua análise polifônica da enunciação, o autor mostra que há uma dissimetria entre enunciados afirmativos e negativos e que a afirmação está contida na negação. No caso específico da negação polêmica, nega-se um conteúdo antecipado do outro. O efeito de sentido resultante de construções com negação polêmica constrói-se, então, no encontro entre o *dito* (conteúdo negado) e o *não-dito* (conteúdo afirmado). A nosso ver, esse mecanismo delineia uma atitude de antecipação do outro, por SE, e de defesa em relação a esse outro. O conteúdo indesejado fica implícito no enunciado, SE não o assume²⁵.

Das linhas 5 a 23, o discurso de SE deixa a proximidade imediata do acontecimento para fazer um recuo a uma certa perspectiva de tempo, exatamente aos dois momentos que correspondem às cartas anteriores. Esse recuo é para elucidar o mistério da Coisa Estranha / Turvação. Após o “Teste”, identificado pelo demonstrativo “aquele” (linha 7), “essa coisa estranha que está acontecendo” é nomeada como HIV positivo (linha 8), suspeita de tumor no cérebro (linha 12). O hospital-sala de tortura é identificado: Pronto Socorro do Hospital Emilio Ribas (linhas 11 e 12). A reação de desvario, trazida em fragmentos na primeira carta, se explica: “enlouqueci”.

A partir da linha 15, os anjos da segunda carta são nomeados como “médicos, enfermeiros, amigos, família”; os visitantes da noite, já mortos, são referidos como aqueles que, de fato, são anjos (linha 16).

Na primeira carta, o desespero, o desvario diante da revelação. Depois, a mudança pelo contágio da corrente forte de amor e energia vinda de fora. Diante do susto e do medo, *eu* encontra em *você-anjos* sustentação para seguir sem mais rancor, sem mais revolta. Restabelece-se a ordem, ainda que se trate de uma outra ordem.

²⁵ Tal tipo de estrutura assemelha-se à *denegação* freudiana. Pelo mecanismo da denegação, o sujeito rejeita um pensamento por ele enunciado, negando-o, ou seja, ele nega qualquer articulação entre si mesmo e um conteúdo que ele exprime.

Na linha 18, é da vida que SE fala, uma vida já atravessada pela idéia da morte. E dela diz sentir pena. A Coisa Estranha transmuta-se na Coisa Vida, maiúscula, mas frágil; bela e fugaz como a borboleta que só dura um dia depois de sair do casulo (linha 24).

Na linha 25, o relato volta ao presente da vida-casulo que se rompe lentamente para ficar abandonada e inútil (“casca seca e abandonada”), porque dela a borboleta vai sair. Uma *vida-casulo* que contém um *eu-borboleta*, ambos condenados a não-ser no “após” (linha 25), isto é, depois da ruptura.

A Coisa Vida contaminada pela morte, tratada mais adiante com dupla reverência – Senhora Dona Vida -, cheia de atributos, (des)cobre, agora, seu rosto horrendo e deslumbrante, mostra-se em sua ambivalência, tira o véu/cobertura. Não é mais Coisa Estranha, é vida-morte, morte-vida, uma coisa só.

Os “muros” da primeira carta recebem nesta maior especificação (linha 20): são os muros brancos do cemitério, no outro lado da rua, que o sujeito via de sua janela quando no hospital. Para além desses muros, fica, então, o cemitério e é lá que as cartas devem chegar, junto aos “anjos propriamente anjos”.

Na linha 29, o sujeito refere o que, “para os outros”, é o HIV +: “vírus de *science fiction* que só dá em gente maldita”. A expressão “os outros” não designa pessoas em geral, sendo retomado, na linha 30, por “esses”. É em um verso de Cazuya que o sujeito encontra o modo de caracterizá-los: “essa gente careta e covarde”, digna de piedade (linhas 30 e 31). São outros que estão fora do universo do sujeito. Desse grupo, o interlocutor (você) não faz parte.

A localização espacial da carta ganha maior precisão na linha 36. Trata-se do bairro Menino Deus, “lugar cantado por Caetano”, onde também há muros, mas não para delimitar o espaço do cemitério. São muros de outra natureza, de um sobrado colonial espanhol, que faz pensar em Garcia Lorca. A impressão de confinamento da primeira carta se dilui. Nesse novo espaço, nada parecido com o hospital-sala de tortura, há um portão que abre a qualquer hora para entrar ou sair (linhas 36 e 37).

O Porto Alegre maiúsculo desliza para um porto minúsculo (linha 39), não se sabe até que ponto seguro, se alegre ou não, mas seguramente um lugar de ancoragem. Vale lembrar que a idéia de ancorar num porto vem após o fracasso da

tentativa de “ancorar um navio no espaço”. O *sujeito-navio* foi detido à beira da janela, de onde pensava alçar vôo, por um dos muitos anjos que circularam por essa *vidacasulo prestes a se romper*.

Nesse porto, talvez mais triste do que alegre, resta-lhe aceitar, suportar a Coisa Vida atravessada pela morte, beijar-lhe a boca. E, sempre na companhia de anjos, reais ou fictícios, comuns ou célebres, “agradecer” a manifestação da vida, que, contraditoriamente, só se apresenta ruidosa diante do vislumbre da morte.

A última carta para além dos muros do cemitério/do sobrado colonial termina com um bordão de esquerda: “E a luta, continua” (linha 49), conjunto de palavras que, talvez, como todos os bordões, sejam repetidas por cacoete.

4.3.5 No embate de vozes, a voz

A análise das três cartas partiu do princípio de que se instituir como sujeito enunciador é dizer “eu”, promovendo sentidos por meio de uma combinação de palavras que, ao se encadearem, ultrapassam a relação significante/significado prevista na língua. Buscamos mostrar, percorrendo o encadeamento dos enunciados assumidos pelo *eu*, sentidos atribuídos à não-pessoa (referente), que, pela intervenção do sujeito, apresenta-se sob um prisma particular, ainda que as palavras mantenham algo da significação que vem da língua. Vimos, em cada carta, que a não-pessoa apresenta sentidos decorrentes do uso da linguagem pelo enunciador, criando-se uma referência única relativa à situação de enunciação.

Passamos, agora, à segunda etapa da análise, destinada a sintetizar os sentidos promovidos por SE à não-pessoa, observáveis nos encadeamentos discursivos das três cartas analisadas, tentando (1) indicar possíveis deslizamentos de sentidos da *não-pessoa* ao longo das cartas; (2) apontar para as diferentes vozes que tecem a voz de SE para, finalmente, (3) assinalar como o SE subjetiva a experiência relatada nessas cartas.

Na primeira carta, o sujeito enunciador institui um tu/você-interlocutor para falar de uma coisa estranha que lhe aconteceu. Essa coisa estranha desliza para Coisa

Estranha que desaba sobre o sujeito numa proporção maiúscula, singular, como uma turvação-Turvação, vertigem, voragem.

Eu-atônito, diante de algo que não compreende nem aceita, parece, num primeiro momento, sucumbir ao desespero, ao desvario. Mas o encadeamento discursivo mostra que não é assim que as coisas se passam. O outro-semelhante, que chega todas as tardes trazendo maçãs e revistas, atenua os efeitos da imensa turvação. E, já no final da primeira carta, o sujeito enunciator se mostra predisposto a compreender melhor o que está acontecendo a si próprio. Além disso, há o outro-você-destinatário das cartas, a quem o sujeito conta sua história como uma forma de sublimar o medo.

Na segunda carta, a Coisa Estranha desliza para “caminho do inferno” que, surpreendentemente, mostra-se ao *eu* que enuncia “juncado de anjos”. SE “tira” desses seres sustentação para enfrentar o desamparo diante do inexorável. Voltaremos mais adiante a esse tópico. Antes, porém, é preciso fazer um desvio para comentar um aspecto que, desde o início, se coloca, a ambivalência do sujeito enunciator em relação à Coisa Estranha.

Essa ambivalência se deixa ver na afirmação feita na primeira carta – “isso que poderá me matar, eu sei, é a única coisa que poderá me salvar” (linhas 13 e 14), cuja compreensão é anunciada para o futuro, e, de fato, só fica mais nítida na segunda carta. Quando o espectro da morte se anuncia, em geral, a primeira reação do homem é de desespero e medo diante do desconhecido. Isso se explica, segundo Dufour (2000), porque os humanos, forjados pelas grandes categorias da razão, da era tecnológica, afastam a morte de seu horizonte, querem ultrapassá-la, lutam por erradicá-la, recusam-se a lembrar que, inexoravelmente, estão sujeitos a ela.

Se, como vimos, para experimentar sua própria presença e o fato de estar vivo, o homem precisa falar, isso não é, entretanto, suficiente. O ser humano, para dar-se conta da vida, tem necessidade de conectar-se com a ausência – a morte – que está colocada para cada um dos indivíduos da espécie. Na verdade, passamos nossa vida morrendo, embora tomemos como eterno o intervalo insignificante que separa a vida da morte. Contraditoriamente, é quando a morte se aproxima que a “vida grita”, isto é, manifesta-se ruidosamente em toda sua plenitude.

O final da segunda carta mostra já a Coisa Estranha, o caminho do inferno, deslizando para o sentido de que os extremos vida e morte não se excluem, mas se atraem, se imbricam como cara e coroa da mesma moeda. E é esse reconhecimento da indissociabilidade entre os dois termos que inaugura para o *eu* que se enuncia nas cartas um outro modo de ser sujeito. Trata-se de um sujeito que passa de super-homem a homem, ciente de que a vida pode ser desfeita a qualquer momento, uma vez que a morte lhe é inerente.

Na terceira carta, o desconhecido se torna conhecido, não precisa mais ser escondido, isto é, a não-pessoa ganha contornos mais nítidos: é do HIV + que se trata, numa época em que as pessoas que sucumbiam a ele eram invariavelmente homens que faziam sexo com outros homens ou usuários de drogas injetáveis. Nomear a Coisa Estranha é, de certo modo, submeter-se ao juízo alheio que condena “essa gente maldita” aos subterrâneos da realidade social.

Ao longo das cartas, os limites entre os referentes morte e vida se diluem. A Coisa Estranha é a Coisa Vida, bela e frágil, uma representada na outra. Da constatação da presença constitutiva da morte na vida /da vida na morte emerge SE - borboleta que está para sair do casulo, navio que busca ancoragem num porto, talvez não tão seguro nem mais alegre. Colocado na posição limite, entre a vida e a morte, SE constitui efetivamente possibilidades de sublimação e de criação que lhe permite construir uma forma singular de existência, um estilo próprio para permanecer e suportar a tragicidade da posição de desamparo absoluto. O limite em que a vida invade a morte e a morte invade a vida, momento de desamparo radical, de agonia e de dissipação completa, é que funda o humano, permitindo-lhe o exercício da existência.

A tragédia contém a purgação ou a catarse dos pontos de fracasso do humano. Talvez por isso seja uma forma de construir o nosso arrimo, a nossa ancoragem segura “para a deriva que constitui a nossa existência” (Souza, 1996, p. 65). É do trágico que SE cria formas inusitadas de expressividade, às vezes desconcertantes. É do movimento crucial da morte na vida, nesta estreita faixa de liberdade, que SE constrói seu arrimo próprio, suas formas de relação e mesmo de identidade, fazendo da experiência dramática uma negatividade positiva.

E aqui retornamos à questão dos anjos, sob cujo olhar SE subjetiva sua dolorosa experiência. A solidão que a experiência da morte implica é insuportável se

não houver alguém em quem se agarrar, um outro-semelhante, igualmente submetido à finitude, diante de quem não seja preciso se esconder. A solidariedade é o correlato de relações inter-humanas embasadas na alteridade. Afinal, o que funda uma presença senão a presença de um outro e o grau de alteridade que esse outro desperta em nossa subjetividade?

Esses anjos-outros, colocados do lado oposto “dessa gente careta e covarde”, facultam ao *eu* subjetivar sua experiência sem perder o sabor amargo do horroroso, sem se deixar pasteurizar, sem silenciar seus excessos e intensidades, mas, igualmente, sem perder a dignidade. É a alteridade que torna possível o advento do sujeito em sua singularidade: indefeso, próximo de experimentar a “ausência definitiva” (VARELLA, 2004, p. 7), mas tendo aprendido a ressignificar a vida.

Bakhtin (2000, p. 47), quando fala da relação autor-personagem, afirma que o eu experimenta uma necessidade absoluta de amor, que só o outro pode realizar interiormente a partir de seu lugar singular fora de “eu”. Esse amor da família e das outras pessoas, que, desde a infância forma o homem de fora ao longo de sua vida, dá consistência a seu corpo exterior. Só na categoria do outro, prossegue o filósofo russo, um corpo pode tornar-se significativo.

Resta dizer ainda que os enunciados das três cartas manifestam-se fundamentalmente como uma tomada de posição axiológica, como uma resposta ao já-dito. A esse respeito Faraco afirma que: “A enunciação de um signo é sempre também a enunciação de índices sociais de valor, isto é, a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semântico-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valores.” (2003, p. 53).

As cartas denunciam a idéia vigente na época de que a AIDS “atacava” *gente maldita* (homossexuais, drogados, prostitutas). Diferentes refrações do mundo, materializadas nas inúmeras ocorrências de intertextualidade, deixam entrever a pluralidade de vozes que tecem a voz do sujeito enunciadador. Com efeito, em consonância com as vozes de falanges de anjos reais ou ficcionais, vivos ou mortos, em luta com as vozes dos “caretas e covardes”, SE faz ressoar sua singularidade, faz reconhecer seu direito de “desafinar o coro dos contentes”, resistindo a qualquer processo centralizador.

Cabe perguntar, ainda, que significado SE atribui ao *além dos muros*. Estaria ele se referindo aos muros que cercam o hospital? Aos muros brancos do cemitério que pode vislumbrar da janela do quarto onde se encontra internado? Ao muro invisível que se construiu entre ele e as pessoas em geral, diante da rejeição aos doentes de AIDS? Aos contatos que deixará de efetuar por conta de seu isolamento?

Em nossa interpretação, todos esses sentidos são válidos. De qualquer modo, depois que passou a entender a Coisa Vida, aceitando sua condição de ser humano condenado, como toda a espécie, ao desaparecimento já desde o momento em que nasce, o muro do cemitério e seus deslizamentos representam, de um lado, o limite que não nos é dado transpor, e, de outro, a transcendência.

4.3.6 Por um fio

Na verdade, ainda hoje, a palavra AIDS circula e é “habitada”. Basta ser pronunciada para que outras vozes se presentifiquem, independentemente do que é capaz de representar aquele que a pronuncia. No imaginário popular, equivale a uma sentença de morte, e morte provocada pelo próprio sujeito que contrai a doença, já que, mediante cuidados, ela pode ser evitada. Por ser considerada uma doença abominável, e até obscena, freqüentemente, sensações de castigo e culpa se mesclam no sujeito portador de HIV, além do desamparo pela impossibilidade de solução pela via médica. Não raras vezes, o sujeito doente é/sente-se excluído do convívio social.

Ser portador de HIV positivo, na época em que as cartas foram escritas, era viver o que se pode chamar de *situação extrema*. Bruno Bettelheim apud Soussan (1997, p. 46-7), psicanalista americano, qualifica como situações extremas aquelas em que o indivíduo é “catapultado”, podendo “chegar ao fundo do poço”, sem ter outra alternativa a não ser tentar sobreviver. *Como viver com uma dificuldade existencial que não apresenta solução?*, pergunta-se o autor. As reações diante dessas situações extremas são, para Bettelheim, de três tipos: deixar-se destruir pela experiência dolorosa; negar essa experiência e todas as suas conseqüências; engajar-se durante toda a vida numa luta contra ela.

Dráuzio Varella, em *Por um fio* (2004), relata histórias de vida de pessoas que enfrentaram doenças como as decorrentes do HIV+ e câncer, para as quais, na

época em que iniciou sua carreira, ainda não se vislumbrava cura. São vivências do tempo em que, segundo ele, as pessoas denominavam o câncer de “aquela doença”, negando-se a pronunciar-lhe o nome. Sem deixar de salientar os momentos de desespero de pacientes terminais, o médico dá relevo ao comportamento de doentes que mudaram de vida frente à visão da morte, e que viveram seus últimos dias aproveitando-os em atitude de aceitação, entendendo a morte como um divisor de águas.

Seria lógico esperar, então, que o aparecimento de uma doença grave, eventualmente letal, desestruturasse a personalidade, levasse ao desespero, destruísse a esperança, inviabilizasse qualquer alegria futura. Mas não é isso que costuma acontecer: vencida a revolta do primeiro choque e as aflições da fase inicial, associados ao medo do desconhecido, paradoxalmente a maioria dos doentes com câncer ou AIDS que acompanhei conta haver conseguido reagir e descoberto prazeres insuspeitados na rotina diária, laços afetivos que de outra forma não seriam identificados ou renovados, serenidade para enfrentar os contratempos, sabedoria para aceitar o que não pode ser mudado (VARELLA, 2004, p. 204).

Para Varella, “nada transforma tanto o homem quanto a constatação de que seu fim pode estar perto” (2004, p. 9). De certa forma, esta é a realidade mostrada nas cartas que analisamos. Experimentar a fragilidade diante da morte, paradoxalmente, leva o *eu* que nelas se inscreve a entender melhor o significado de estar vivo.

Imaginar a morte como um fardo prestes a desabar sobre nosso destino é insuportável. Conviver com a impressão de que ela nos espreita é tão angustiante que organizamos nossa rotina diária como se fôssemos imortais e, ainda, criamos teorias fantásticas para nos convencer de que a vida é eterna (VARELLA, 2004, p. 8).

Na vida, respondemos axiologicamente a cada evento e essas resposta são de natureza diversa, porque diversas são as refrações do mundo. Porque inusitadas são as formas de expressividade do sujeito. O sujeito que emerge nas cartas analisadas, certamente, faz ouvir sentidos que alteram radicalmente o horizonte de quem quer que se detenha a escutá-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propomo-nos a analisar o modo como o eu que se enuncia em três cartas de Caio Fernando Abreu subjetiva a experiência de ser atingido por uma doença temida e sem cura, a partir do modo como atribui significado à não-pessoa no encadeamento discursivo. Buscamos fazer ouvir a enunciação pelas marcas do enunciado, tomando como pressuposto que a referência comporta uma dimensão dêitica, pois necessita ser remetida a quem enuncia para ter sentido (cf. Flores; Teixeira, 2005). Isso implica entender que todos os elementos lingüísticos necessitam ser analisados na instância de discurso que contém “eu”. No dizer de Lichtenberg (2001, p. 160), “falar é falar de si e da situação e não há como falar de um sem falar de outro.” No uso da língua, tudo passa por eu, inclusive a não-pessoa, que corresponde a signos lexicais trazidos à instância de discurso pela via do sujeito que enuncia, atribuindo-lhe referência.

Pensamos ter demonstrado que, no corpus analisado, a *não-pessoa*, anunciada de forma difusa como Coisa Estranha sofre deslizamentos de sentido ao longo das três cartas, derivando para Coisa Vida, que integra em si, numa unidade, vida e morte.

Diante desse inexorável, o sujeito enunciador (des)cobre a vida na sua manifestação mais intensa. Fundamental para isso é o olhar do outro – os anjos – sobre o eu para compor dele um olhar inteiro, para ver dele o que ele próprio não pode ver. Nessa relação de alteridade, SE advém como aquele que, em meio a uma situação

adversa, funda um lugar de fala, ressignificando vida e morte, saúde e doença, normal e patológico.

Ao finalizar este trabalho, queremos destacar que, à medida que se toma contato com as obras de Benveniste e Bakhtin, fica claro que se pode encontrar nelas reflexões epistemológicas de grande amplitude para quem quer que se interesse pela relação entre linguagem e subjetividade. O caráter multiforme do pensamento desses autores é atestado na variedade de áreas de circulação de seus textos, a psicologia, a antropologia, a psicanálise, a sociologia, a filosofia, a crítica literária. A partir do campo da enunciação, então, os estudos lingüísticos podem muito contribuir no debate de questões que afetam o sujeito na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan (1964/1965). In: *Freud e Lacan/Marx e Freud*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. P.47-71.

ARAÚJO, Inês Lacerda. *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Apresentação: Marlene Teixeira. Tradução Marlene Teixeira. Revisão técnica da tradução: Leci Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981/1995.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Hucitec, 1993.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988, p. 284-293.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin conceitos-chave*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin outros conceitos-chave*. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário de usos do Português no Brasil*. São Paulo. Editora Ática, 2002.
- BREAL, M. *Ensaio sobre semântica*. Campinas, São Paulo: Pontes/Educ, 1992.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e Dêixis: quando as retas se encontram. In. KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michel. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- CREMONESE, LIA. *Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de Lingüística da Enunciação*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Dissertação de Mestrado)
- DAHLET, Patrick. Dialogização Enunciativa e Paisagens do Sujeito. In: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. São Paulo: Ed. Unicamp, 1997.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*. RJ: Contraponto Editora Ltda., 1998.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo: as idéias lingüísticas de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Elementos de análise do discurso para uma epistemologia da Lingüística*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.32, n.º1, p.41-59, marco 1997.

_____. *Linguística e Psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. Por que gosto de Benveniste? Um ensaio sobre a singularidade do homem na língua. *Letras de Hoje*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.39, n. 138, p.217-230, dez.2004.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Dicionário de Linguística da Enunciação* (projeto de pesquisa apresentado ao CNPq). Porto Alegre, abr.2006.

_____. *Entre o dizer e o mostrar: a transcrição como modalidade de enunciação*. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, vol. 20. N. 40-41, p. 61-76.

GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In: FREITAS, Maria Teresa et.al. (orgs.) *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2003.

ILARI, R.; GERALDI, J.W. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1985.

ILARI, Rodolfo. Alguns problemas no estudo da anáfora textual. In. KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo; Contexto, 2005.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La enunciación: de la subjetividad en el lenguaje*. Tradução para o espanhol: Gladys Anfora e Emma Gregores. Buenos Aires: Libreria Hachette S.A. S.I.

KOCH, Ingedore. Referenciação e orientação argumentativa. In. KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo; Contexto, 2005.

LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.

LEAHY-DIOS, Cyana. Narrativas autobiográficas e o cânone literário: o paradigma da transformação. *Letras de Hoje*, Porto alegre, EDIPUCRS. V.37, nº4, p.41-56, dezembro 2002.

LICHTENBERG, Sônia. Usos de todo: uma abordagem enunciativa. In: BARBISAN, L. B; FLORES, V. N. (orgs.). *Estudos sobre enunciação, texto e discurso*. Revista *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS. v. 36, n. 4, dez. de 2001. p. 147-181.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos lingüísticos para o texto literário*. Tradução de Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, Pontes, 1997.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2000.

_____(org.). *Les analyses du discours em France*. LANGAGES 117. Paris: Larousse, março, 1995. (p.5-11).

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo : Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Referenciação e cognição: o caso da anáfora sem antecedente. In: PRETI, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.

_____. *Discurso, Cognição e Gramática nos Processos de Textualização*. Remetido para publicação nos anais do VI ENIL, UNB, 2003. p.1-12.

MARTINS, Eleni Jacques. *Enunciação & diálogo*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990.

MILNER, Jean-Claude. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In. CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena. (org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 1995/2003.

_____. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In. KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo; Contexto, 2005.

MORICONI, Ítalo. *Caio Fernando Abreu: cartas*. RJ: Editora Aeroplano, 2002.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. OLIVEIRA, S.L.; PARLATO, E.M.; RABELLO, S. (orgs.). *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. *Semântica Formal: uma breve introdução*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

PARRET, H. *A dêixis e os “embrayeurs” desde Jakobson*. In: Enunciação e Pragmática. Campinas: Editora da Unicamp, 1988. p. 143-173.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. *Ferdinand de Saussure: a teorização da lingüística moderna*. São Paulo, SP: Clara Luz, 2006. p.63.84.

PÊCHEUX, Michel, FUCHS, Catherine. A propósito da Análise do Discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise, HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 163-252.

SANTIAGO, Silviano. *Ferramentas de aço para capinar a literatura. Zero Hora - Entrevista*. Porto Alegre, 2003. Segundo Caderno, p.4-5.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1916/1996.

SCHNITMANN, Dora Fried (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: ARTMED, 1996.

SIBLOT, Paul. Nomination et point du vue: la composante déitique des categorizations lexicales. In: GISLARU, Georgeta et al. (orgs.). *L'acte de nommer: une dynamique entre langue e discours*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2007. p.25-38.

SONTAG, Susan. *A doença como metáfora*. Tradução de Marcio Ramalho. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.

SOUSA, Alduísio M. *Os impasses do amor*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SOUSA-E-SILVA, Maria Cecília P. de. Estudos enunciativos: atividades de linguagem em situação de trabalho. In: BRAIT, Beth (org.). *Estudos Enunciativos no Brasil – Histórias e Perspectivas*. Campinas: Pontes, 2001. p.131-145.

SOUSSAN, Patrick Ben. Ces maudits mots dits: la révélation médicale du handicap à la naissance. In: SOUSSAN, Patrick Ben et al (orgs.). *Naitre Different*. Paris: Editions Erès, 1997, p. 43-60.

TEIXEIRA, Marlene. A constituição heterogênea do sujeito discursivo: um exercício de análise em Partido Alto de Chico Buarque. In: CORACINI, Maria José; PEREIRA, Aracy Ernst (orgs.). *Discurso e sociedade: práticas em análise do discurso*. Pelotas: EDUCAT, 2001a, p. 257-300.

_____. *Discurso e Trabalho – Uma proposta de intervenção*. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, EDIPUCRS. V.36, nº4, p.183-2002, dezembro, 2001b.

_____. *Análise do Discurso e Psicanálise – Elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TEIXEIRA, Marlene et al. O jogo da alteridade na construção do sujeito-secretária. In: CORBELINI, Doris (org.). *As mudanças no mundo do trabalho*. SL: UNISINOS, 2003.

_____. Benveniste: um talvez terceiro gesto? *Letras de Hoje*, v.39, n. 4, p.107-120, EDIPUCRS, dezembro, 2004.

TEIXEIRA, Marlene. O outro no um: reflexões em torno da concepção bakhtiniana de sujeito. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de. (orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

TODOROV, Tzvetan. Enunciação. In: DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 289-292, 2006.

TROIS, João Fernando de Moraes. O “retorno a Saussure” de Benveniste: a língua como um sistema de enunciação. *Letras de Hoje: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.39, n. 4, p. 33-43, dez. 2004.

VARELLA, Dráuzio. *Por um fio*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

VELOSO, Gil França. *Pequenas Epifanias*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

